



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências das Engenharias

Turismo Desenvolvimento Local e Arquitetura **Intervenção no Parque Senhora da Cabeça**

Jéssica Almeida Gonçalves

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(Mestrado Integrado)

Orientador: Prof. Doutor Cláudia Sofia São Marcos Miranda Beato

Covilhã, Janeiro de 2016

Folha em branco

Dedicatória

Dedico este trabalho a Maria Emília Almeida e Maria Gonçalves.

Folha em branco

Agradecimentos

Com a concretização deste trabalho e percurso académico, não posso deixar de agradecer, a todos aqueles me apoiaram e contribuíram para a sua realização. Todo o apoio obtido ao longo dos anos me permitiu chegar a esta meta.

Agradeço aos professores, que me forneceram apoio e me ensinaram ao longo destes anos, em especial a minha orientadora professora Claudia Beato pela sua dedicação e atenção e ao professor Rogério Galante.

A todos os meus amigos, que estiveram presentes nos momentos mais difíceis e me motivaram a seguir em frente. Um especial obrigado aos meus amigos e colegas da Universidade da Beira Interior, que com ele vivi bons e maus momentos, mas todos eles representam uma fase de aprendizagem.

Agradeço a minha mãe e a minha irmã todo o esforço e empenho que depositaram em mim e nunca deixaram de me apoiar, foram elas as que sempre estiveram presentes com palavras de conforto e motivação no decorrer dos últimos anos.

Por fim agradeço aos amigos mais íntimos que tornaram a minha vida académica inesquecível.

Folha em branco

Prefácio

A Dissertação apresentada à Universidade da Beira Interior para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção de grau Mestre em Arquitetura, sob a orientação científica da Professora Doutora Cláudia Sofia São Marcos Miranda Beato.

Folha em branco

Resumo

Esta dissertação desenvolve um projeto de arquitetura, no parque da Senhora da Cabeça, que se localiza em Valença, no âmbito de projeto final de curso de Arquitetura da Universidade da Beira Interior, com objetivo de intervir e contribuir para o desenvolvimento do espaço, desenvolvendo as suas infraestruturas, de modo a tornar o espaço autossuficiente e um lugar turístico.

Numa primeira abordagem apresenta-se uma análise da região, da localidade e mais precisamente até ao terreno. Estas escalas foram analisadas segundo a sua influência social, histórica e cultural da região e da forma como elas podem influenciar a proposta. Visto ser uma proposta turística é feito um breve estudo sobre o turismo, tipos de turismo e a situação atual no concelho.

Após o entendimento dos temas acima referidos, é formulada uma proposta de intervenção que englobe os temas turísticos mais identificáveis com o local. Assim sendo, propõe-se uma intervenção apoiada nas infraestruturas já existentes, fortificando a relação entre o centro urbano e o parque, e uma intervenção centralizada no parque da Senhora da Cabeça, que crie e desenvolva as infraestruturas já existentes e torne o local autossuficiente.

Como fase final e após a análise do problema em causa e das possíveis soluções, apresenta-se uma proposta de solução, dando a noção de projeto prático a uma escala urbana seguindo as noções de turismo e ordenamento do ambiente.

Palavras-chave

Senhora da Cabeça, Parque, Turismo, Desenvolvimento, Ordenamento e ambiente.

Folha em branco

Abstract

This Dissertation develops an architectural project, in *Senhora da Cabeça* park, that is located in Valença, and it was developed as a final project in Master's degree in Architecture on University of Beira Interior. The purpose of this intervention is developing the space and developing the infrastructures of the area, making the space becoming self-sufficient and a touristic place.

In a first approach, the project analyzes the region, locality and the territory. This scales are analyzed according the social, historical and cultural influence that they will have in the purpose. Since it has a touristic purpose it was made a brief study from tourism, which type of tourism and how is the actual situation in the area.

Therefore, after the knowledge of the topics above, it's created an intervention propose that contain all the topics that are compatible with the area of intervention. There is a propose supported by the existent infrastructure, making the connection between the park and the city stronger and the other part of the propose is focus on the *Senhora da Cabeça* park, creating and developing new infrastructures and making the place self-sufficient.

In the last phase and after analyzing the problem of the situation and possible solution, it is made a solution propose, giving an idea of practical architectural project, represented in urban scale and following the rules of tourism, planning and environment.

Keywords

Senhora da Cabeça, Park, Tourism, Development, planning and environment.

Folha em branco

Índice

Índice	xiii
Lista de Figuras.....	xvii
Lista de Tabelas.....	xxi
Lista de gráficos.....	xxiii
Lista de Acrónimos.....	xxv
CAPÍTULO I Introdução	1
CAPÍTULO II Enquadramento geral.....	3
2.1. Localização	3
2.2. Contexto histórico.....	3
CAPÍTULO III Turismo.....	8
3.1. Conceitos e definições.....	8
3.2. Medição do turismo	9
3.3. O mercado Turístico	11
3.4. Turismo Regional	17
3.5. Turismo Local	21
CAPÍTULO IV caso de estudo	28
4. Especificações da região	28
4.1. O clima	28
4.2. Paisagem	29
4.3. Vivências, cultura e tradições.....	31
5. Especificações locais -Valença	32
5.1. Paisagem	32
5.2. Influência da rede hidrográfica	33
5.3. Atividades do sector primário	36
5.4. Arquitetura - Elementos marcantes	37
6. Especificações territoriais	38
6.1. Posição e importância em relação à cidade	38
6.2. Tradições.....	39
6.3. Flora e fauna	39
6.4. Percursos pedestres e ciclovias	40
CAPÍTULO V Objetivos para o local	42
7. Problemática do local	42
8. Proposta de Intervenção	42
9. Projeto	52
9.1. Ideia de projeto.....	52

9.2.	Memória descritiva	54
9.3.	Acessibilidades	63
9.4.	Materiais	64
9.5.	Condicionantes do projeto.....	65
9.6.	Esquços e perspectivas.....	67
CAPÍTULO VI Conclusão		71
CAPÍTULO VII Bibliografia		73
CAPÍTULO VII Anexos		77
10.	Desenho técnico.	77
Implantação 1/5000		01
Planta da área antes da intervenção (esc:1/500)		02
Planta de cobertura (esc:1/500)		03
Planta de cobertura com nível máx. de água. (esc:1/500)		04
Planta cota 32. (esc:1/500)		05
Planta cota 30. (esc:1/500)		06
Planta cota 25. (esc:1/500)		07
Planta cota 20. (esc:1/500)		08
Planta cota 15. (esc:1/500)		09
Planta cota 12. (esc:1/500)		10
Planta cota 10. (esc:1/500)		11
Planta cota 7. (esc:1/500)		12
Planta Cota 5. (esc:1/500)		12
Planta Cota 10 e 12. (esc:1/200)		13
Planta Cota 12. (esc:1/200)		14
Planta Cota 15. (esc:1/200)		15
Planta Cota 25. (esc:1/200)		16
Planta Cota 30 e 32. (esc:1/200)		17

11. Plano Diretor Municipal de Valença	77
Planta de condicionantes. (esc.: não definido)	A1
Planta da estrutura ecológica Municipal. (esc.: não definido)	A2
Intervenções Estratégicas. (esc.: não definido)	A3
Reserva Agrícola Natural. (esc.: não definido)	A4
Reserva Ecológico Natural. (esc.: não definido)	A5
Planta de Ordenamento. (esc.: não definido)	A6

Folha em branco

Lista de Figuras

Fig. 1- Evolução da Fortaleza, séc. XIV, XVI, XVII,XVIII. Fonte: website1

Fig. 2- Distinção entre turismo médico e turismo de bem-estar. Fonte: Relatório do Grupo de Trabalho Interministerial.

Fig. 3- Escalas de análise do posicionamento do Alto Minho. Fonte: CIM ALTO MINHO, *Desafio Alto Minho 2020*, 2013, p.20

Fig. 4-Sistema Urbano do Alto Minho. Fonte: CIM ALTO MINHO, *Desafio Alto Minho 2020*, 2013, p.22

Fig. 5-Património natural, paisagístico e construído do Alto Minho. Fonte: CIM ALTO MINHO, *Plano de desenvolvimento estratégico do Alto Minho- Desafio 2020*, 2012, P.23.

Fig. 6-Trajes do Folclore do Alto Minho. Fonte: website 2

Fig. 7-Quinta da Raposeira. Fonte: website 3

Fig. 8-Contrastes térmicos no alto Minho. Fonte: ALMEIDA, C. A. F. (1987), *Alto Minho*, Lisboa, edição 1, pp-14.

Fig. 9- Esquema da variedade de paisagem existentes no Alto Minho. Fonte: website 4

Fig. 10-Festa senhora d'Agonia em Viana do Castelo. Fonte: website 5

Fig. 11-Feira dos Santos. Fonte : website 6

Fig. 12- Planta de estrutura ecológica Municipal. Fonte: Plano Director Municipal

Fig. 13-Rede hidrográfica sem e com cheias. Fonte: website 7

Fig. 14- - Rio Minho. Fonte: própria autoria.

Fig. 15-Vista panorâmica do rio Minho. Fonte: Website 8

Fig. 16-Influencia do rio Minho e das suas inundações segundo a rede Natura 2000. Fonte: Plano Director Municipal de Valença

Fig. 17- Distribuição das pesqueiras pela localidade e contacto com a área RAN. Fonte: Plano Diretor Municipal de Valença.

Fig. 18- Perspetiva da fortaleza. Fonte: website9

Fig. 19-Portas da Coroadá: Fonte: website11

Fig. 20-Portas da Gaviarra. Fonte: Website10

Fig. 21-Ponte Eiffel. Fonte: Website 12

Fig. 22-Acessos e distâncias dos meios de transporte e fortaleza. Fonte: Própria autoria.

Fig. 23- Lançamento da Cruz . Fonte: website 12

Fig. 24- Distribuição das espécies. Fonte: Plano Diretor Municipal Valença.

Fig. 25-Percursos que influenciam o local. Fonte: própria autoria.

Fig. 26-Centro da cidade de Valença e zona de maior densidade habitacional. Fonte: própria autoria.

Fig. 27-*Touring*- cultural e paisagístico, que revelem a história entre a fortaleza e o rio Minho. Fonte: própria autoria.

Fig. 28-Percurso de Santiago de Compostela e proposta do percurso de Santiago de Compostela pelo rio. Fonte: própria autoria.

Fig. 29-Ecopista do Minho com os locais de apoio e a sua importância, segundo a proposta. Fonte: própria autoria.

Fig. 30-Relação entre as atividades desenvolvidas em cada turismo. Fonte: Própria autoria.

Fig. 31-Tourings e os seus pontos de interesse. Fonte: própria autoria.

Fig. 32-Restruturação do percurso “Caminhos de Santiago”. Fonte: própria autoria.

Fig. 33-Ecopista e os seus pontos de interesse. Fonte: própria autoria.

Fig. 34-“Focos”. Fonte: Própria autoria.

Fig. 35-Evolução da proposta, desde o existente até a proposta. Fonte: Própria autoria.

Fig. 36-Distribuição das zonas. Fonte: Própria autoria.

Fig. 37-Localização da praça de acesso. Fonte: Própria autoria.

Fig. 38-Edifício posto de informação. Fonte: própria autoria.

Fig. 39-Miradouro com foco para o rio. Fonte: Própria autoria.

Fig. 40-Planta com o nível máximo e mínimo. Perspetiva do centro de lazer- spa. Fonte: Própria autoria.

Fig. 41-Localização da praça social e a sua interrupção pelo percurso principal. Fonte: Própria autoria.

Fig. 42-Edifício de apoio à piscina natural, perspetiva com os vestuários. Fonte: Própria autoria.

Fig. 43-Edifício de apoio à piscina natural, perspetiva com os cacifos e chuveiros. Fonte: Própria autoria.

Fig. 44-Bar de degustação dos produtos locais. Fonte: Própria autoria.

Fig. 45-Percurso Interior e as suas perspetivas de acesso. Fonte: Própria autoria.

Fig. 46-Perspetiva do Foco/ Miradouro. Fonte: Própria autoria.

Fig. 47-Esquisso Tree tent. Fonte: Própria autoria.

Fig. 48-Perspetiva das máquinas de exercício. Fonte: própria autoria.

Fig. 49-Perspetiva sobre zona de convívio e *outside offices*. Fonte: própria autoria.

Fig. 50- Percursos. Fonte: própria autoria.

Fig. 51 -Praia fluvial e a sua relação com o paredão. Fonte: própria autoria.

Fig. 52-Esquisso sobre o porto e a sua relação com a rampa e patamares. Fonte: própria autoria.

Fig. 53- Esquema da praceta de acesso pelo rio. Fonte: Própria autoria.

Fig. 54- Teto falso modelo básico e modelo 1. Fonte: website 13.

Fig. 55-Pavimentos, xisto preto, betão e carvalho. Fonte: website 14.

Fig. 56- Distribuição dos ventos (inverno e verão). Fonte: National Climatic Data Center.

Fig. 57 -Distribuição da radiação solar (inverno e verão). Fonte: National Climatic Data Center.

Fig. 58 - Barreira de vegetação. Fonte: Própria autoria.

Fig. 59- Esquício sobre os patamares, como solução. Fonte: Própria autoria.

Fig. 60 - Esquisso sobre o rio Minho e o novo trajeto dos peregrinos. Fonte: Própria autoria.

Fig. 61 -Perspetiva da praceta de acesso (rodoviário-pedonal). Fonte: Própria autoria.

Fig. 62- Perspetiva do Miradouro fauna e flora. Fonte: Própria autoria.

Fig. 63- Perspetiva do miradouro, centro de lazer- spa e anfiteatro. Fonte: Própria autoria

Fig. 64- Vista geral a partir do rio. Fonte: Própria autoria

Fig. 65- Perspetiva dos percursos e acesso à praia fluvial. Fonte: Própria autoria.

Fig. 66- Plataforma de barcos e porto para barcos de pequeno porte. Fonte: Própria autoria.

Fig. 67- Vista para a zona de campismo. Fonte: Própria autoria.

Fig. 68- Perspetiva com o nível máximo de água. Fonte: Própria autoria.

Fig. 69- Vista do miradouro para o rio com o nível máximo de água. Fonte: Própria autoria.

Fig. 70- Vista geral a partir do rio com o nível máximo de água. Fonte: Própria autoria.

Fig. 71- Vista geral. Fonte: Própria autoria.

Folha em branco

Lista de Tabelas

Tabela 1- Fatores chave para o desenvolvimento do turismo. Fonte: Turismo de Natureza, Turismo de Portugal.

Tabela 2- Produto turístico de cada concelho. Fonte: Própria autoria.

Tabela 3- Movimento de visitantes acumulados em 2012 Fonte: Posto de Turismo de Valença.

Tabela 4- Motivos do turismo segundo o produto estratégico em 2011 e 2012. Fonte: Posto de Turismo de Valença

Tabela 5 – Tabela de estadia relativa a 1 noite. Fonte: Posto de Turismo de Valença.

Tabela 6 - Tabela de estadia relativa a 2-3 noite. Fonte: Posto de Turismo de Valença.

Tabela 7- Relação total dos visitantes entre 1 noite e 2-3 noites. Fonte: Posto de Turismo de Valença.

Tabela 8- Tabela de estadia relativa a 4-5 noite. Fonte: Posto de Turismo de Valença.

Tabela 9 – Espécies existentes na área de intervenção. Fonte: Plano Diretor Municipal de Valença.

Folha em branco

Lista de gráficos

Gráfico 1- Visitantes mensais acumulados (2011/2012)

Fonte: Posto de Turismo de Valença

Gráfico 2 – Total de visitantes mensais acumulados (2012)

Fonte: Posto de Turismo de Valença

Gráfico 3 - Motivos do turismo segundo o produto estratégico em 2011 e 2012.

Fonte: Posto de Turismo de Valença

Folha em branco

Lista de Acrónimos

<i>GRP</i>	Gabinete de Relações Públicas
<i>UBI</i>	Universidade da Beira Interior
<i>SIC</i>	Sítio Importância Comunitário
<i>RAN</i>	Rede Agrícola Nacional
<i>REN</i>	Rede Ecológica Agrícola
<i>OMT</i>	Organização Mundial do Turismo
<i>ONU</i>	Organização das Nações Unidas
<i>PNPOT</i>	Programa Nacional da Política e Ordenamento do Território
<i>THR</i>	Asesores en Turismo Hotelería y Recreación, S.A.
<i>P.E.N.T.</i>	Plano Estratégico Nacional do Turismo

Folha em branco

CAPÍTULO I Introdução

A presente dissertação constitui o resultado de um projeto levado a cabo no âmbito do curso de Arquitetura da Universidade da Beira Interior, com o apoio da Professora Doutora Cláudia Beato.

O interesse por este tema surgiu durante o meu percurso escolar e devido a ser um local da minha terra e como se trata de um espaço que frequento e que sempre me interessou as suas qualidades paisagistas, desenvolveu-se em mim, um interesse por explorar esta área.

O facto de conhecer a área e conhecer a opinião daqueles que a frequentam, sensibilizou-me a conhecer as fragilidades do local. Uma vez que é interesse da Câmara Municipal de Valença explorar e expandir o turismo na localidade, este é um local que influenciaria os resultados de forma positiva.

Tratando-se de um local que já possui infraestruturas e como revela interesse para a sociedade, desenvolvê-lo atrairia mais visitantes até ao mesmo. Considerando que é uma das zonas que apresenta grandes paisagens na localidade de Valença, seria de interesse explorá-lo e diminuir as suas fragilidades.

Sendo o turismo, um dos vetores de desenvolvimento nacional, proposto no Programa Nacional de Ordenamento do Território e de interesse local, esta seria uma solução ao problema em questão. O turismo de Natureza é dos mais importantes para a região do Alto Minho, dadas as suas qualidades paisagistas, então aproveitou-se este espaço, como potencial de Turismo de Natureza para a localidade.

Este projeto iria criar impacto a nível turístico, uma vez que já se trata de uma cidade com certo potencial turístico, mas também iria criar novos postos de trabalho, para a sua realização e após a sua concretização, desenvolvendo da economia local.

1) Objetivos e metodologia

Pretende-se apresentar uma alternativa que valorize o parque da Senhora da cabeça, mostrando respostas a fragilidades do local. Através da implementação e do aproveitamento das infraestruturas será criado um programa que responda as necessidades do local e permita que o espaço seja explorado na sua totalidade e de forma autossuficiente.

Existe uma relação histórica, religiosa e cultural com o lugar, que se deseja enfatizar. Começa-se então por compreender a história do local e as suas influências assim como de que

forma é que espaço era vivido anteriormente. A sua relação com o passado influencia a forma como o espaço é visto hoje em dia.

Tratando-se do Alto Minho uma área similar em relação a culturas e tradições, esta análise foi feita de modo mais abrangente, uma vez que a área de intervenção não terá apenas impacto local.

Aprofundam-se algumas noções sobre turismo, principalmente aquelas que mais influenciam o projeto, chegando a analisar o caso mais em concreto, tanto para a região como para a localidade. Podendo formular, de que forma o turismo tem evoluído e como a região pretende avançar com a sua evolução.

Numa fase mais específica analisamos o caso em estudo, isto é, as especificações da região, localidade e mais pormenorizadamente o terreno. Para que possa ser determinado quais as necessidades e as influências a nível regional, local e territorial. Após esta análise vai-se ao encontro com a formulação da proposta, que será dividida em duas partes, uma intervenção que relaciona a envolvente, mais precisamente a localidade e uma intervenção local, que é aquele que mais impacto terá no parque da Senhora da Cabeça.

A proposta é pensada em três níveis, sendo o primeiro a determinação dos objetivos da proposta, o segundo qual a sua dimensão e como esta engloba as restantes temáticas e o terceiro de que forma estes objetivos estarão presentes no projeto.

Numa fase final apresentamos a proposta, na base de um projeto prático, onde iremos explicar como se gera o espaço, quais as suas transformações e o impacto desta proposta para o local.

CAPÍTULO II Enquadramento geral

2.1. Localização

Localiza-se no noroeste de Portugal, sendo uma subdivisão da região Minho, denominado Alto Minho, rodeada a norte pela Galiza (Espanha), a sul o distrito de Braga e Porto e a oeste pelo oceano atlântico. Esta região define-se pelo distrito de Viana do castelo, que é constituída por 10 concelhos, Melgaço, Monção, Valença, Vila Nova de Cerveira, Caminha, Viana do castelo, Ponte de Lima, Paredes de coura, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, com 2,219km² e 250 275 habitantes segundo os censos 2011.

O Alto Minho divide-se em Vale do Minho e Vale do Lima, sendo este projeto localizado no Vale do Minho, no concelho de Valença. Este Concelho tem a norte o rio Minho que separa a cidade de Tui, a Este Monção, a Sul Paredes de Coura e a Oeste Vila Nova de Cerveira. Com uma área de 117 km², situado entre a cota 0 e 785 metros de altitude e dividida em 16 freguesias, com uma população de 14.127mil habitantes segundo os censos de 2011.

Na zona central do concelho e junto ao rio Minho, a zona de intervenção chama-se parque Senhora da Cabeça. Este trata-se de um parque que possui uma área protegida e uma zona de lazer.

2.2. Contexto histórico

O Minho tem a face virada ao mar e as costas para o interior. As suas terras descem, desde as serras da Peneda, do Gerês e Marão, até ao oceano, onde entram suavemente.

ALMEIDA, C. A. F. (1987), Alto Minho, Lisboa, edição 1, pp-8.

Foi na época românica, quando se afirmou o Reino de Portugal, que se alicerçou o Minho tradicional, pois este na época medieval era conhecido como Entre o Douro e Minho.

Desde o séc. XII e XIII nasceram póvoas marítimas, desenvolveram-se centros urbanos, aumentou a densidade populacional, sobretudo na orla costeira, surgiram novos cultivos, embora no seu ecossistema permanecesse as diferenças entre a região do Lima e do Ave que eram notórias, surgindo em 1846 segundo Leite Vasconcelos¹ a divisão entre Alto Minho e Baixo Minho, que até hoje ainda não sofreram modificações, sendo mais utilizadas as expressões Alto Minho e Minho.

¹ ALMEIDA, C. A. F. (1987), Alto Minho, Lisboa, edição 1, pp-10.

2.2.1. Contexto regional -Alto Minho

A conquista árabe do território Minho, não teve por parte dos invasores uma ocupação duradoura. Terra sem cidades e com uma população dispersa, desadaptada aos esquemas militares árabes, esta tratava-se de uma fronteira de antagonismos políticos, sujeita a emigrações tanto para norte como para sul, ficando quase despovoada e perdendo grande parte da suas intervenções.

A reconquista cristã surge em 868, em que D. Afonso III das Astúrias reorganizou a região, dividindo-a em circunscrições de tradição romano-gótica, as chamadas "cividades", que se transformaram em polos estratégicos de domínio e defesa.

A partir dos meados séc. XI nota-se um desenvolvimento na mancha agrícola e populacional, com a existência de castelos de defesa e a reconquista Cristã de Portucale. O habitat era disperso embora as casas tendessem a localizar-se nas áreas enxutas de meia encosta, intercalando a mancha dos campos e dos lameiros. A ocupação dos solos é um marco fundamental para os dias de hoje, pois estes geraram uma nova organização político-social da região. Por um lado, dividida em *terras*, atribuídas a um senhorio e sistematicamente simbolizadas por um castelo e, por outro, divididas em *villas* onde se consagram todos os núcleos vicinais, multiplicando as *ecclesias*.

Ao longo do séc. XII, quando se afirma a independência de Portugal e quando a mancha do Lima já era visto como dinâmica e inovadora e cada vez com mais prestigiada, surgem então novas técnicas na agricultura, que permitiram bons níveis de produtividade aumentando assim a população e criando novas profissões, novas igrejas, castelos e paços. A utilização mais sistemática das águas para regadio de linhos, milho, etc, permitiu drenar e ocupar mais fundos, o que originou uma poderosa e persistente estruturação agrícola, sendo que a ruralidade domina totalmente a região, o que os centros habitacionais ajudam a confirmar.

A organização senhorial e vicinal, centrada numa igreja, normalmente englobava 15 agricultores, provocou um habitat disperso na região e uma multiplicação de *ecclesias*, surgindo após imposições que levou a uma redução do número de igrejas, centralizando então os lugares/vizinhos numa paróquia principal.

Na época Românica surge o intenso labor construtivo e requer um sistema viário com uma certa capacidade de transporte, surgindo então nessa época os descobrimentos e o desenvolvimento das vias e a criação de pontes. Havia uma certa mobilidade de pessoas e artesãos, as correntes comerciais intensificaram-se, aparecendo as feiras e os mercados por todo o Minho.

Nos finais da Idade Média assiste-se a um maior dinamismo na agricultura da orla costeira e a um desenvolvimento das povoações marítimas, sobretudo das instaladas nas fozes dos rios. Tudo isto se intensifica com um comércio mais ativo e inter-regional, que opta pelo transporte marítimo, de uma maior procura pelo pescado para alimentação e o sargaço para adubação das terras.

A partir dos finais do séc. XV a região minhota passou a ser designada «Além do Douro», designada já com um distanciamento, o Minho tinha perdido o relevo político que merecia, só após no séc. XVIII, devido às correntes económicas, comerciais e só depois industriais, volta então o interesse pelo poder central, que se acentua no séc. XIX. No entanto na história cultural, económica e social, o Minho nunca deixou de ter um peso significativo, pois durante a primeira parte do séc. XVI crescem e adquirem grande importância os portos atlânticos como os estaleiros navais.

A abundância de madeiras para barcos, linho para as velas e cordas, bem como o dinamismo dos empresários, leva ao desenvolvimento dos núcleos piscatórios, das artes de pesca no mar, ampliando-se a oferta e a procura do pescado.

O desenvolvimento da agricultura e a melhoria dos níveis de produção, com a introdução de novas culturas como maiz, a expansão da vinha e da oliveira que já tinham importância na idade média, sistemas de rega, entre outros, são aspetos importantes do Minho moderno, que demonstram as suas capacidades e avanços.

No Minho de hoje, os núcleos de cada concelho têm um carácter comercial, desenvolvido com pequenos comércios, sendo que na periferia existem áreas destinadas às indústrias, empresas e outras destinadas à agricultura.

2.2.2. Contexto local -Valença

Quando os homens até caçadores e recolectores, abandoaram a vida nómada e entraram numa fase sedentária de agricultura e pastoreio, começando a agrupar-se em comunidades tribais e a formar os primeiros povoados - séc. VIII a.C. ao séc. II da nossa era.

Rocha, J. M., *Valença*, 1991, edição ASA porto, pp21

A passagem de várias civilizações por esta terra, através de gravuras rupestres, megalíticos, castros, villae, entre outros, permitem-nos ter uma ideia da antiguidade do local e que segundo Francisco Sampaio "as formações castrejas notam-se, hoje, na formação de muitas das nossas paróquias rurais, no folclore, danças e cantares, traje, e habitat das populações mais serranas, na religião, nos usos e nos costumes, nas formas de associativismo".

Existem várias histórias, sobre o passado de Valença, mas aquela que iremos referir aqui será segundo o escritor Sant'ana Dionísio que pressupõe que as raízes de Valença mergulham nos estratos obscuros de um acampamento fortificado da Era da romanização, embora não haja certezas de que o recinto castrense criado, apontado pelo historiador, seja exatamente aquele que a fortificação de Valença ocupa hoje. Contudo, a via militar passava nessa zona, comprovada pelo marco miliário, dedicado ao Imperador Cláudio.

Nos fins do séc. XII, a terra já estaria desabitada, pois D. Sancho I cerca de 1211 mandou povoar a vila que anteriormente se chamava Contrasta. Em 1262 foi dado o foral a D. Afonso I que muda então o nome de Contrasta para Valença, sendo já em 1258 vista como "contrasta que agora chamam valentia".

No séc. XVII surge a restauração de 1640 e subsequentes Guerras da Independência que colocaram esta praça-forte sob o fogo da artilharia espanhola. Para atenuar o seu impacto destruidor, o visconde de Vila Nova de Cerveira - governador militar de Entre Douro e Minho - concebeu a reforma do conjunto fortificado, reforçando-o decisivamente, de acordo com um moderno plano de arquitetura militar, que possui 12 baluartes e 3 revelins e é considerado como fortaleza, através dos seus soberbos muros, a mais forte da província do Minho. Estas obras prolongar-se-iam no decurso do século XVIII, sendo no final uma das primeiras do reino a resistir aos assaltos dos vizinhos.

As fortificações de Valença na primeira parte do séc. XIX foram as que escreveram as derradeiras páginas da sua história, onde os soldados da sua guarnição tiveram os seus últimos atos de bravura registados nos anais militares. É então no séc. XIX que surgem as invasões napoleónicas tomando impiedosamente a praça-forte, com o general Soult a tomá-la e a fazer explodir a Porta do Sol. No ano de 1828, Valença assistiu ao desenrolar da fratricida guerra civil entre absolutistas e liberais. Em 1847 Valença sofre o seu último assédio, voltando esta praça-forte a estar no centro dos conflitos no período do Cabralismo. Cansada da guerra e de tanta violência, Valença só conheceu a paz no início da segunda metade do século XIX.

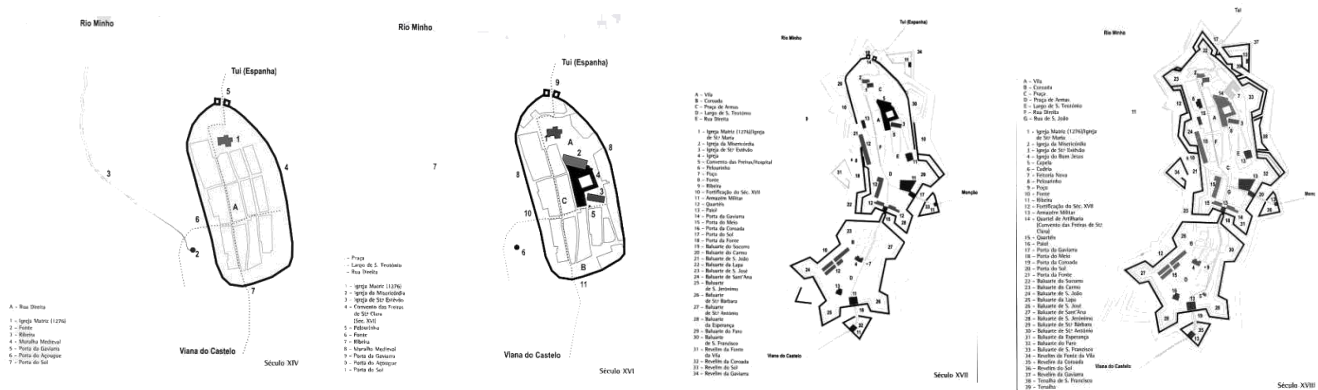


Fig. 1- Evolução da Fortaleza, séc. XIV, XVI, XVII,XVIII. Fonte: website1

Foi no interior da fortaleza onde os grandes acontecimentos surgiram, no entanto o seu exterior era habitado pelos senhorios e seus trabalhadores, desenvolvendo a agricultura e a pecuária como no resto do Alto Minho.

No séc. XIX foi construída a ponte Eiffel que ligava Valença a Tui, com uma fronteira controlada até ao 25 de Abril de 1975.

Hoje em dia, Valença e Tui já não sentem os limites de cada país, unidas com o conceito da eurocidade.

CAPÍTULO III Turismo

3.1. Conceitos e definições

3.1.1. Definição de turismo

A origem da expressão turista está ligada à palavra francesa “tour” e esta terá aparecido para exprimir a ideia de “viagem por prazer”, utilizada pela burguesia no séc. XVIII. Contudo esta expressão foi ao longo dos anos desenvolvendo a sua definição, reajustando-se perante as novas realidades às mudanças sociais, estruturais e principalmente económicas, sendo esta a que mais se expandiu nos países industrializados, nas últimas décadas.

O conceito turismo reúne algum consenso, embora com variantes de atualização. Segundo Mathieson e Wall (1982) o “turismo é o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as atividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades”².

Algumas definições já mais ligadas com a atividade económica como uma relação de procura e oferta desenvolvem então os conceitos que até agora tinham sido apresentados. Segundo Licínio Cunha, “o turismo abrange todas as deslocações de pessoas quaisquer que sejam as suas motivações, que obriguem ao pagamento de prestações e serviços durante a sua deslocação e permanência temporária fora da sua residência habitual superior ao rendimento que, eventualmente, auferam nos locais visitados”.

Weaver e Lawton (2006: 3) acrescentam a esta definição novos assuntos, por forma a atribuírem um significado ainda mais abrangente ao turismo, “A soma dos processos, atividades, resultados, que advêm das interações entre turistas, entre as organizações privadas, entre as organizações não-governamentais e entre os governos que os acolhem, e os governos de origem, (incluindo-se nesta definição as universidades e demais níveis de ensino), e que lidam com a área do turismo no processo de atraírem, transportarem, acolherem e gerirem turistas e outros visitantes.”

Contudo não existe uma única definição para turismo, uns conceitos de carácter económico, outros de carácter social ou antropólogo, seguem definições distintas. No entanto as Recomendações da Organização Mundial de Turismo/Nações Unidas sobre Estatísticas de Turismo, para uniformizar este conceito, definem-no como:

² CUNHA, 1997:9

*(...) actividades que os indivíduos realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros.*³

3.1.2. Conceito de turista, visitante e excursionista.

A definição de turista tem desenvolvido várias definições, não sendo uniforme em todos os países, assim como a definição de turismo. Para contornar estes problemas em 1937 a Comissão Económica da Sociedade das Nações, adapta a definição de *Turista* como sendo toda a pessoa que viaja, por uma duração não inferior a 24 horas, para um país que não o do local da sua residência habitual. No entanto em 1963, a OMT, Organização Mundial do Turismo, na *Conferência das Nações* em Roma, introduziu o termo visitante no lugar de turista e definiu-o da seguinte maneira:

Para fins estatísticos, o termo visitante designa toda a pessoa que se dirige para um outro país, diferente daquele em que fixou residência habitual, movida por razões outras que as de exercer uma profissão remunerada, no país de destino.
Lopes, 2008:17

A ONU apresenta também a definição de excursionista, pois um grupo de visitantes é composto por turistas e excursionas, visto que, o excursionista é um visitante temporário que permanece menos de 24 horas fora da sua residência habitual. Estes três conceitos revelam interesse sobretudo nas estatísticas sobre o turismo.

3.2. Medição do turismo

O fato de turismo ser de caráter universal a sua importância cresce ao longo dos anos, tornando-se um fenómeno complexo que incide em várias actividades económicas e sociais.

A “medição” do turismo é cada vez mais importante para obtenção de estatísticas, efetuando comparações e compreendendo os seus parâmetros para um entendimento da “indústria do turismo”.

3.2.3. Classificação do turismo

De acordo com as classificações adotadas pela OMT e pelo Eurostat, existem várias formas de classificar o turismo, segundo a origem de turista, existindo: Turismo doméstico ou interno que se refere aos residentes de um país que viajam dentro do próprio país; Turismo recetor que se refere às visitas ao país por não residentes; Turismo emissor: representa as saídas dos residentes de um país para outro ou vários países.

³ BEATO, 2008:7

Contudo estas formas resultam ainda no turismo interior, aquele efetuado dentro das fronteiras de um país e composto por turismo doméstico e recetor; Turismo nacional: abrange os movimentos dos residentes de um país e é composto pelo turismo doméstico e emissor; Turismo internacional: refere-se às deslocações que implicam atravessar uma fronteira sendo composto pelo turismo recetor e emissor.

Podemos classificar o turismo segundo a duração da estadia, tendo em consideração o seu tempo de permanência no local. O visitante temporário que passa mais de 24h no local, usufruindo de alojamento cujo motivo da viagem pode ser qualquer um desde que não exista obtenção de lucros ou então o visitante que permanece no local menos de 24h e que não pernoita no local visitado, sendo um turismo de passagem.

Os meios utilizados para chegar ao local, isto é, a disponibilidade que o turista tem nas vias de transporte, podendo-se assim distinguir o turismo ferroviário, náutico, aéreo e rodoviário. O acesso ao destino do viajante é um elemento fulcral para o viajante, facilitando a oferta e reduzindo o tempo de deslocação.

Estas são algumas das classificações, no entanto estas podem mudar consoante o autor, podendo incluir também a liberdade administrativa e a organização das viagens, segundo Licínio Cunha⁴.

3.2.4. Motivos de turismo

Um dos critérios é o motivo da viagem, sendo que nem todas as razões para viajar podem ser consideradas turismo, como razões militares, deslocações de refugiados, entre outras. Para tal, a principal motivação do turista para escolher a viagem podem ser variadas, podendo estas variar entre os seguintes fatores:

- Turismo de recreio: aquele que oferece um maior conjunto de motivos para viajar, cujo objetivo é repouso, gastronomia e compras.
- Turismo de saúde/turismo de repouso: relacionado com a saúde e bem-estar, procura de locais que proporcionem relaxamento, que possuam infraestruturas importantes no campo da medicina e ambientes calmos, como estâncias termais e balneares.
- Turismo cultural: praticado por aqueles que desejam aumentar os seus conhecimentos, escolhendo preferencialmente centros culturais, museus, locais históricos, de peregrinação, etc.
- Turismo religioso: assistência a eventos religiosos e a peregrinações, podendo assumir grande importância devido a magnitude do número de visitantes.

⁴ DINIS, 2005:16

- Turismo de negócios: viagens realizadas por empresas ou indivíduos com interesse profissional, com interesse na participação de reuniões, convenções, seminários, feiras internacionais e exposições.
- Turismo político: este assemelha-se ao turismo de negócios, mas com a particularidade de exigência mais elevada na sua organização e segurança. No entanto trata-se de reuniões esporádicas ou regulares.
- Turismo étnico: viagens usualmente realizadas por residentes e seus descendentes no estrangeiro ao país de origem e para observar culturas e costumes invulgares.
- Turismo desportivo: viagens realizadas para assistir/participar em grandes eventos desportivos, como competições nacionais, internacionais.

3.3. O mercado Turístico

3.3.1. Recursos turísticos

A atividade turística é influenciada pela existência de recursos naturais, históricos, artísticos, culturais, entre outros, que quando acessíveis se transformam em produto turístico, provocando a deslocação de pessoas pela motivação de satisfazer as suas necessidades que geram um aumento da atividade turística.

A OMT distingue dois conceitos, o património turístico que é constituído por todos os bens materiais e imateriais, que mediante um processo de transformação possam ser utilizados para satisfazer as necessidades dos visitantes. E os recursos turísticos que será todo aquele bem e serviço que por intermédio da atividade humana torna possível a atividade turística e satisfaz as necessidades da procura.

Assim o património turístico constitui o elemento fundamental que o homem transforma em recursos turísticos utilizando meios técnicos, humanos e financeiros. Os recursos são então constituídos pelo património turístico que mediante uma intervenção, se transforma em património utilizável (Cerro, 1993).⁵

Segundo Licínio Cunha, esta metodologia estabelece uma classificação de recursos turísticos em 5 grandes categorias:

⁵ CUNHA, Licínio - Avaliação do potencial turístico. P.25

- 1- Sítios Naturais: que englobam todos os lugares que têm um valor paisagístico, com exclusão de qualquer outro critério, bem como os recursos associados ao interesse paisagístico (fauna, flora, caça e pesca).
- 2- Museus e manifestações culturais históricas: inclui o conjunto dos recursos de natureza cultural que têm um valor histórico, artístico ou monumental tais como: museus, realizações urbanas, lugares históricos ou centros arqueológicos.
- 3- Folclore: que compreende todas as manifestações relacionadas com o acervo cultural, os costumes e tradições da população residente.
- 4- Realizações técnicas, científicas e artísticas contemporâneas: que abarcam apenas os elementos que pela sua singularidade ou alguma característica excecional têm interesse turístico: explorações mineiras ou industriais, obras de arte e técnica, centros científicos e técnicos.
- 5- Acontecimentos programados: que compreendem todas as manifestações e eventos organizados, atuais ou tradicionais, que podem ter capacidade para atrair visitantes, quer sejam artísticos, desportivos ou outros.

A existência de recursos locais exercem um poder de atração, existindo alguns que a sua atração exerce uma corrente turística que justificam o desenvolvimento de um vasto complexo de atividades de exploração para a satisfação das suas necessidades, mas outros desempenham, principalmente um papel de fortalecimento ou da diversidade de atracção existente.

As potencialidades do desenvolvimento turístico justificam e apoiam o produto turístico, a criação de infraestruturas, construções, serviços, estadia no local onde esses recursos existem, como base para um crescimento, cujo seu crescimento tem a função de valorizar o produto e a criação de novas atrações. Deste modo, a capacidade de atracção do local depende dos recursos existentes e das potencialidades turísticas, que variam de local para local.

3.3.2. Produto turístico

O produto turístico é uma resposta organizada com vista à satisfação das necessidades dos visitantes podendo ser tão ou mais específico consoante as solicitações dos visitantes. Entre os produtos turísticos mais citados cabe destacar os seguintes, segundo o Turismo de Portugal:

a) Sol e Mar

























Associado à praia, ao alojamento e atração que sirvam este espaço, influenciado pelas condições climáticas e a sazonalidade da disponibilidade de férias. Esta é a parcela com maior procura a nível internacional e nacional.


b) Turismo da natureza


Associado a experiências de grande valor simbólico e interação com a natureza, interagindo com um mercado de natureza soft, onde as experiências se baseiam na prática de atividades ao ar livre de baixa densidade (passeios, excursões, percursos pedestres, observação da fauna, etc.), e outro de natureza hard, onde as experiências se relacionam com a prática de desportos na natureza (*Rafting, kayaking, hiking, climbing, etc.*) e/ou atividades que requerem um elevado grau de concentração e conhecimento.

No entanto os consumidores de natureza soft procuram ambientes naturais para relaxar, sendo este o que apresenta maior volume de crescimento e que indica maiores perspetivas de crescimento.

Tabela 1: Fatores chave para o desenvolvimento do turismo. Fonte: Turismo de Natureza, Turismo de Portugal

Fatores	Natureza soft	Natureza Hard
Paisagens naturais únicas e com forte atratividade		
Flora fauna abundante e diversa		
Adequadas infraestruturas de acolhimento, sinalização e equipamentos básicos (área de descanso, centros de acolhimento e informação, etc.)		
Ampla e variada oferta de rotas e itinerários (extensão, dificuldade, etc.) adaptada a diversas tipologias de turistas/visitantes		
Boa relação preço/ qualidade		
Bom grau de tecnologia, know how e experiência na gestão de atividades especializadas		
Bom funcionamento de prestadores de serviços de apoio: aluguer de equipamentos e materiais, transportes, etc.		
Eficaz funcionamento dos serviços de resgate e serviços médicos de urgência		
Excelentes guias e monitores, com domínio de idiomas		
Alojamento integrado na envolvente natural		
Sistema de certificação de espaços naturais		
Sistema de certificação das empresas		

 Fator chave, imprescindível

 Fator importante, mas não imprescindível

B1) Ecoturismo

A partir da década de 80 surge o ecoturismo, que se trata de uma forma ambientalista responsável de viajar e visitar áreas naturais, relativamente pouco alteradas, com o objetivo de usufruir, estudar e apreciar a natureza (e quaisquer elementos culturais associados), que promove a conservação, tem baixos níveis de impacto pelo visitante e promove um envolvimento socioeconómico das sociedades locais. Esta definição inclui alguns princípios do ecoturismo como:

- Diminuir os impactos negativos no ambiente e nas comunidades locais;
- Sensibilizar e promover o respeito pelo ambiente natural e cultural em geral;
- Proporcionar experiências positivas tanto aos visitantes como às comunidades recetoras;
- Proporcionar benefícios financeiros diretos para a conservação;
- Proporcionar benefícios financeiros e *empowerment* para as comunidades locais;
- Sensibilizar o visitante para a situação ambiental, política e social da área visitada;

B2) Turismo rural

O turismo no espaço rural, segundo o decreto-Lei nº54/2002 artigo1º, consiste no conjunto de atividades, serviços de alojamento e animação a turistas, em empreendimentos de natureza familiar, realizados e prestados mediante remunerações, em zonas rurais.

Estas instalações devem adequar-se de modo apropriado ao local e preservar, recuperar e valorizar o património arquitetónico, histórico, natural e paisagístico através do aproveitamento e manutenção de casas ou construções tradicionais ou da sua ampliação. Este turismo é subdividido em cinco modalidades, classificadas da seguinte forma:

Turismo de habitação: aborda o turismo de hospedagem de natureza familiar prestado a turistas em casas antigas particulares, pelo seu valor arquitetónico, histórico ou artístico, que sejam representativas de uma determinada época. Este deve ser explorado por pessoas singulares, sociedades ou famílias.

Turismo rural: Aborda o serviço de hospedagem de natureza familiar prestado a turistas em casas rústicas particulares que apresentem materiais de construção e outras características, que se integrem na arquitetura típica regional. Este deve ser explorado por pessoas singulares, sociedades ou famílias.

Agroturismo: Aborda o serviço de hospedagem de natureza familiar prestado em casas particulares integradas em explorações agrícolas que permite aos hóspedes o

acompanhamento e conhecimento da atividade agrícola e/ou participação nos trabalhos desenvolvidos. Este deve ser explorado por pessoas singulares, sociedades ou famílias.

Turismo de aldeia: Aborda a hospedagem prestada a um conjunto, no mínimo de cinco casas particulares situadas numa aldeia e exploradas por particulares e exploradas de forma integrada, sendo que estas casas apresentam materiais de construção e demais características, integradas na arquitetura local. Esta exploração deve ser realizada por uma única identidade.

Casas de campo: Aborda casas particulares situadas em zonas rurais que prestem serviço de hospedagem, podendo ser utilizadas como a própria habitação dos proprietários, sendo que estas casas devem integrar-se na arquitetura e ambiente rústico da zona local.

Hotéis rurais: Aborda os estabelecimentos hoteleiros situados em zonas rurais e fora das sedes de concelho, cuja população é superior a 20 000 habitantes, sendo que estes hotéis devem integrar-se na arquitetura local, apresentar equipamentos de mobilidade e respeitar as características dominantes da região.

Parques de campismo rurais: Aborda os terrenos destinados permanentemente ou temporariamente à instalação de acampamentos, integrados ou não em explorações agrícolas, cuja área não seja superior a 5000 m².

c) Turismo Desportivo

Associa-se à deslocação para praticar desporto num determinado local, aproveitando as condições naturais e as já nele existentes como as infraestruturas que suportem a prática do mesmo (escalada, surf, esqui, etc.). Incluindo também a deslocação para participar como espectador em grandes acontecimentos (Jogos Olímpicos, Campeonatos Mundiais/Europeus de Futebol, etc.).

d) Golfe

Associa-se a prática de golfe a vários campos diferentes do habitual, proporcionando entretenimento. Esta experiência ocorre em destinos de sol e praia com uma variada oferta de campos e alojamentos.

Este mercado apresenta um crescimento de 7% ao ano segundo o Turismo de Portugal⁶, e a região que apresenta maior número de campos é Lisboa e Algarve.

e) Turismo de saúde e Bem-Estar

O conceito de turismo de saúde tem subjacentes duas realidades distintas, sendo o Turismo Médico, que se trata de uma oferta sustentada na qualidade intrínseca do sistema de saúde português, a deslocação para acudir a vários atos médicos em países pela relação

⁶ THR, *10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal- Golfe*, Lisboa 2006, p-9

qualidade/preço dos seus serviços. E o Turismo de Bem-estar que se trata da deslocação para fora da residência habitual, com a motivação de beneficiar de atividades ou experiências que promovam a harmonia física, mental e emocional.

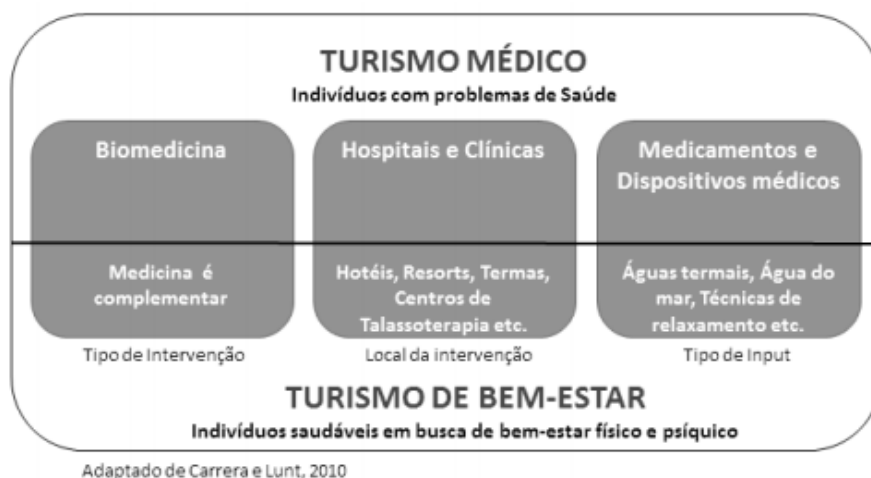


Fig. 2- Distinção entre turismo médico e turismo de bem-estar. Fonte: Relatório do Grupo de Trabalho Interministerial.

f) *Touring* Cultural e Paisagístico

Este conceito surgiu em 2006, no plano estratégico nacional de turismo, como um produto que tem como motivação principal, descobrir, conhecer e explorar os atrativos de uma região, englobando percursos em tours, rotas ou circuitos de diferente duração e extensão, podendo ser viagens independentes e/ou organizadas. As principais atividades são de visita a atrativos de interesse, visita a cidade, conhecer paisagens, visita a museus, espetáculos, entre outras. Existindo um crescimento de 5% a 7% anual.

g) Turismo Residencial e Resorts integrados

Este conceito entrou no plano estratégico nacional de turismo em 2007, abordando a utilização de residências situadas em zonas urbanas e/ou rurais, no interior/litoral, como forma de turismo de lazer sendo a outra perspectiva os *resorts* integrados, que consistem em residências localizadas em empreendimentos turísticos que promovem um variado conjunto de atividades e experiências específicas, situadas em espaços com continuidade territorial, planeados e submetidos a uma gestão integrada.

h) Turismo de negócios

Viagens cujo motivo principal é assistir/participar numa reunião, a sua natureza pode ser de carácter económico, científico, político e social. O período não pode exceder um ano e não pode existir qualquer remuneração no local visitado.

As reuniões podem ser associativas, quando convocadas por organizações nacionais/internacionais e organismos públicos, e corporativas quando convocadas por corporações/ grupos empresariais, companhias multinacionais, entre outras.

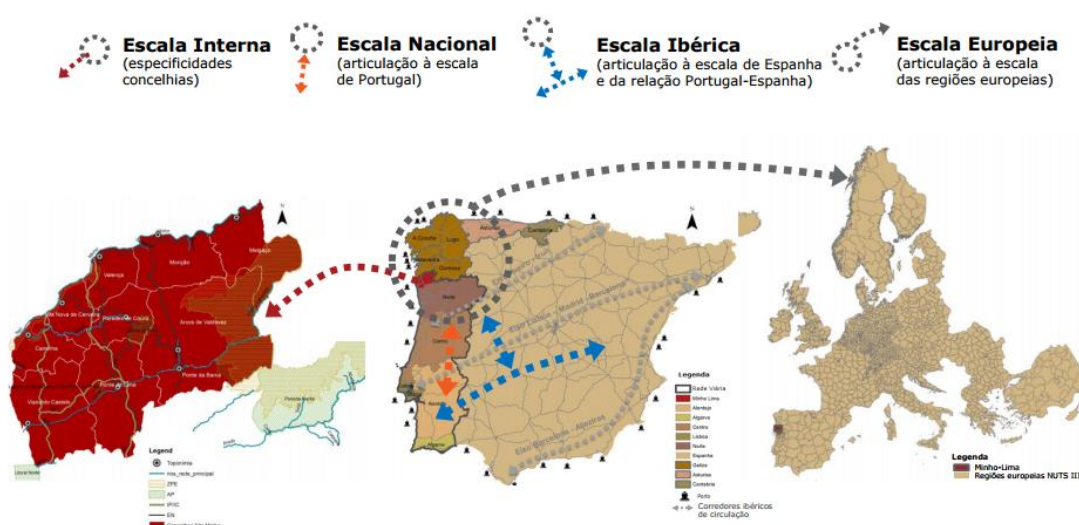
i) Turismo Náutico

Aborda viagens em contacto com a água, com a possibilidade de realizar atividades como vela, *windsurf*, mergulho, remo, entre outros. Dividido em dois mercados, sendo a náutica de recreio relacionada com desportos como forma de lazer e náutica desportiva baseada em viagens cujo objetivo é participar em competições náutico-desportivas. O mercado da náutica de recreio apresenta um crescimento de 8% a 10% ao ano.

3.4. Turismo Regional

O posicionamento do Alto Minho assume um compromisso de “território de articulações”, a sua posição fronteiriça em relação a regiões de Portugal (Escala Nacional), abrangem as NUTS III ave, Cávado e Alto-Trás-os-Montes, quanto às fronteiras internacionais (Escala Ibérica) temos a região da Galiza, que abrange as províncias de Corunha, Lugo, Ourense e Pontevedra.

Esta posição de fronteira é realçada no programa Nacional da Política e Ordenamento do Território (PNPOT), que caracteriza o território do Alto Minho como um “espaço intermédio” entre as regiões urbano-metropolitanas, podendo fazer o “efeito de costura” entre as áreas metropolitanas do Porto e Vigo. No entanto a escala Europeia recomenda o equilíbrio entre as dimensões da competitividade e da coesão, em particular, a perceção da coesão económica e social, e as prioridades do crescimento inteligente, sustentável e inclusivo.



Neste Ordenamento é possível destacar a centralidade assumida pelas cidades de Viana do Castelo e Valença, quanto polos urbanos de atracção regional, bem como o papel de núcleos urbanos das vilas no reforço da coesão interna pela articulação e aproximação entre os sistemas rurais e urbanos. No entanto a Cidade de Valença é o ponto fronteiriço entre Portugal e Espanha com maior intensidade de tráfego, através da “ponte nova”, com a proximidade geográfica e homogeneização cultural, criando uma percepção de um só território.

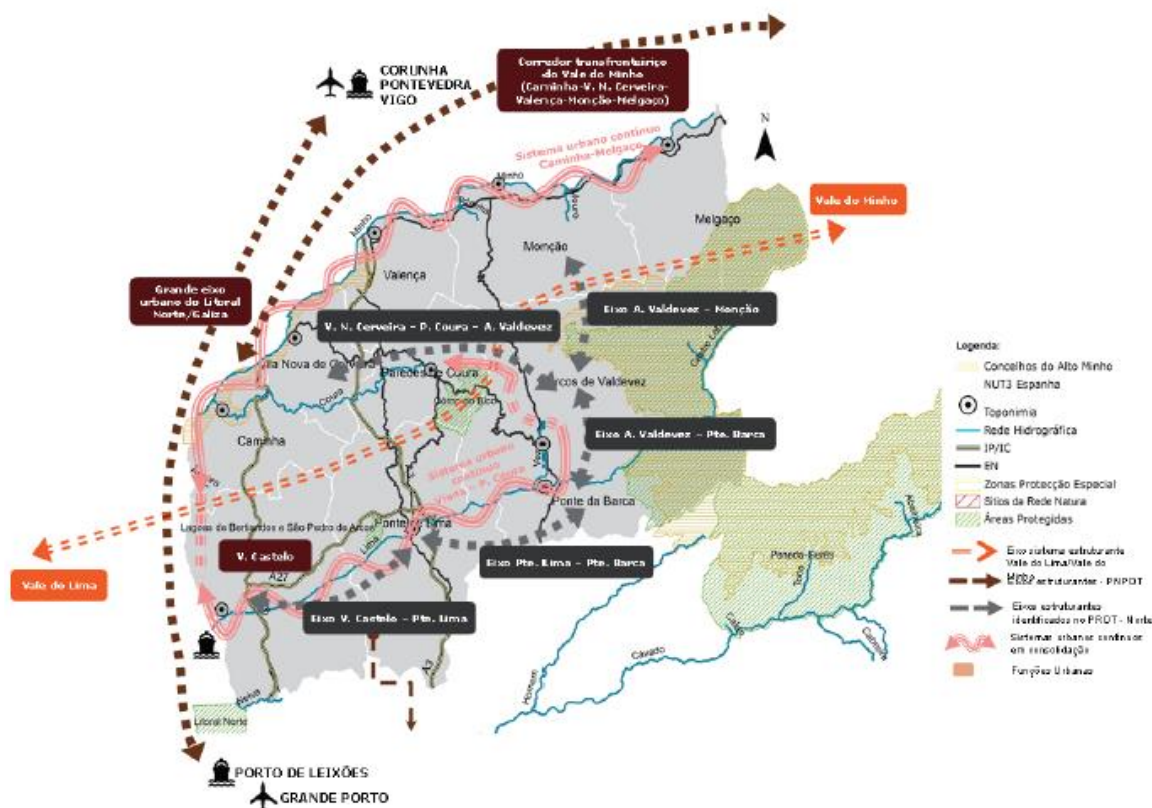


Fig. 4-Sistema Urbano do Alto Minho. Fonte: CIM ALTO MINHO, Desafio Alto Minho 2020, 2013, p.22

3.4.1. Evolução do turismo na região

A importância do desenvolvimento do turismo tem ganho maior importância ao longo dos anos, pelo seu impacto económico e social. O Turismo de Portugal desenvolve um Plano Estratégico Nacional do Turismo (P.E.N.T.), este tem como objetivo central desenvolver o turismo português e posicionar Portugal como um dos mais competitivos e atrativos destinos do mapa turístico europeu, sendo este o sector como um dos mais dinâmicos e propulsores da economia nacional.

A estratégia baseia-se numa dinamização dos destinos turísticos, avaliando a perceção dos consumidores e com os resultados obtidos é possível melhorar o perfil e a comunicação da oferta turística.

3.4.2. Recursos turísticos

O alto Minho possui vários recursos turísticos, alguns já consolidados e outros ainda a serem explorados. Esta região famosa pelas suas paisagens e tradições apresenta um caráter muito próprio que define a área.

Das categorias apresentadas anteriormente, as que mais importância têm nesta região são as seguintes: categoria 1- sítios naturais como as praias, áreas de paisagem, parques naturais, entre outros. A categoria 2- museus e manifestações culturais e históricas, como toda arquitetura militar, religiosa, pré- histórica e monumentos. Com a reunião dos elementos arqueológicos encontrados em cada concelho, todos eles, possuem um museu ou mais. A categoria 3- O Folclore é uma das mais importantes nas tradições da região, apresentando vários grupos de folclore dentro de cada concelho, realizando ao longo do ano várias festas e sempre presentes nas romarias de cada concelho.



Fig. 5-Património natural, paisagístico e construído do Alto Minho.
Fonte: CIM ALTO MINHO, Plano de desenvolvimento estratégico do Alto Minho- Desafio 2020, 2012, P.23.

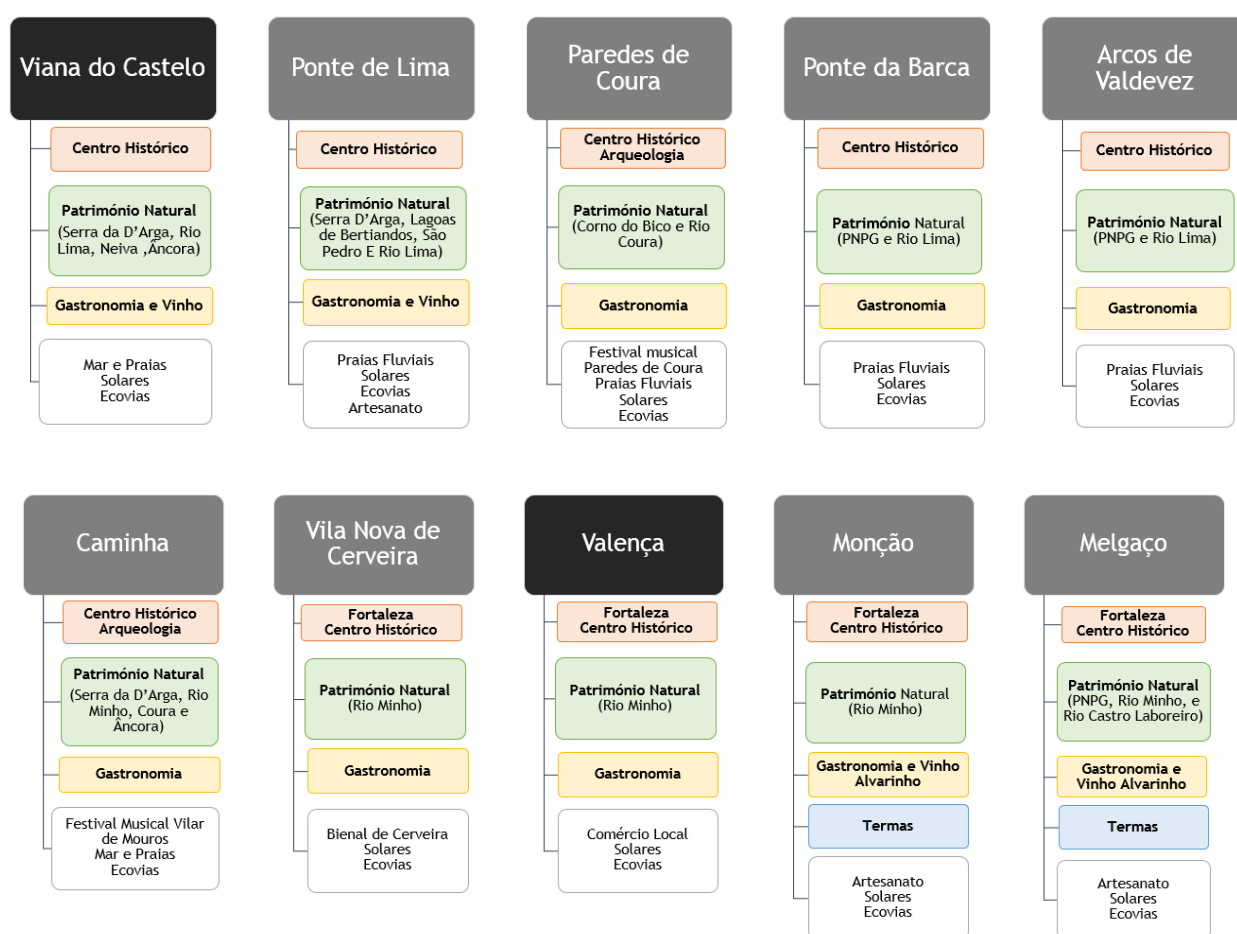


Fig. 6-Trajes do Folclore do Alto Minho. Fonte: website 2

3.4.3. Produto turístico

A região direciona o seu foco no desenvolvimento dos produtos que apresentam um maior potencial, considerando os recursos e a sua procura, dando-se assim prioridade a atingir um alto nível de qualidade da oferta. Para tal, foi centralizado os investimentos em um ou dois pontos estratégicos ou até quatro pontos em produtos de desenvolvimento. Segundo o P.E.N.T. 2011, o produto estratégico é o *Touring-* Turismo Cultural e Religioso e produtos em desenvolvimento são turismo de Natureza, Saúde e Bem- Estar, Gastronomia e Vinhos. No entanto existem também outros produtos, mas que não apresentam tanta relevância, como Sol e Mar e turismo de habitação.

Tabela 2: Produto turístico de cada concelho Fonte: Própria autoria.



Legenda:

■ Vila ■ Cidade

3.5. Turismo Local

3.5.1. Evolução do turismo em Valença

A evolução do turismo em Valença tem sido um elemento importante em relação à economia da cidade e quanto ao objetivo de tornar a fortaleza património da humanidade.

Ano após ano as estatísticas apresentam um crescimento positivo quanto ao número de visitantes.

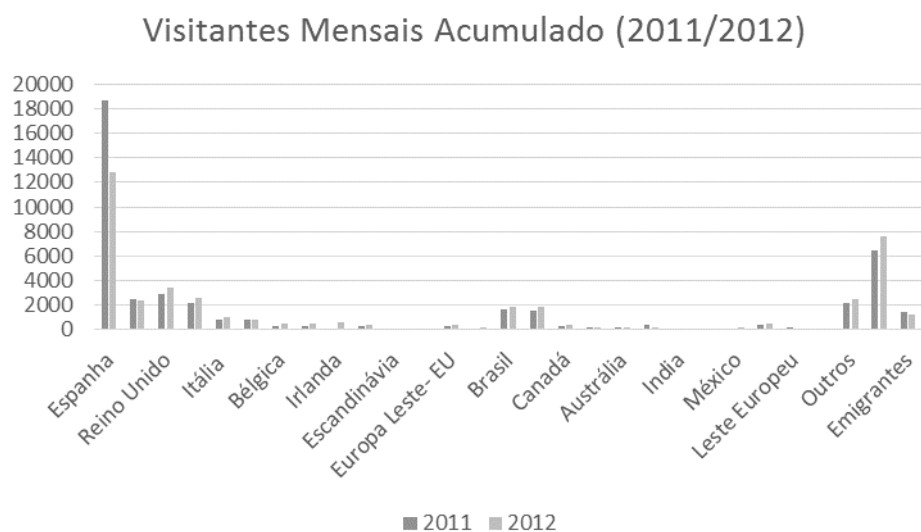


Gráfico 1: Visitantes mensais acumulados (2011/2012)

Fonte: Posto de Turismo de Valença

3.5.2. Medição do turismo

Para um entendimento do tipo de turismo que existe em Valença, este foi medido em diferentes categorias, para que se possa ser mais específico nas suas estatísticas e programas de desenvolvimento.

3.5.2.1. Classificação do turismo

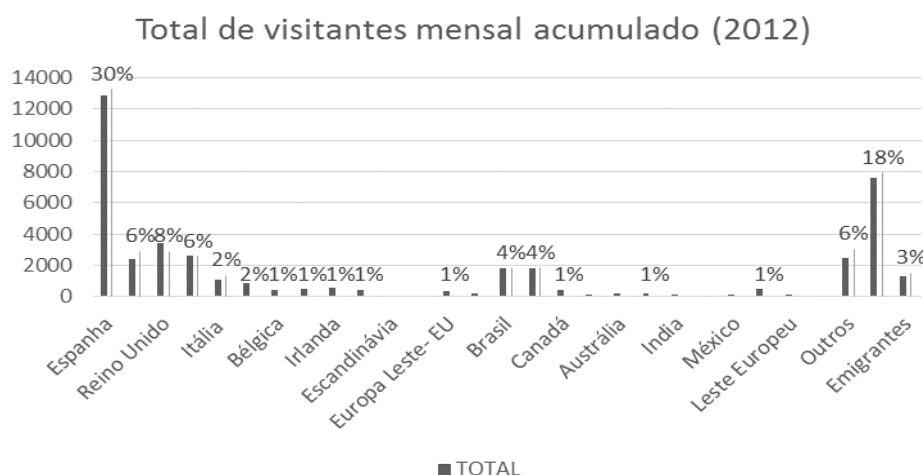


Gráfico 2: Visitantes mensais acumulados 2012

Fonte: Posto de Turismo de Valença

Segundo os dados apresentados posteriormente, percebemos que o turismo internacional é aquele que mais influência tem, mais precisamente Espanha, isto é, deve-se à proximidade entre países e provavelmente pela colaboração entre as suas cidades (Valença e Tui), criando atividades que motivem a deslocação. O turismo nacional também apresenta um valor significativo.

Tabela 3: Movimento de visitantes acumulados em 2012. Fonte: Posto de turismo

ORIGEM	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	TOTAL	%
ESPAÑA	700	692	906	839	983	967	2410	1707	1463	1075	506	586	12834	30%
FRANÇA	72	43	147	83	303	285	387	427	358	168	86	57	2416	6%
REINO UNIDO	100	74	157	148	382	431	453	380	621	356	151	175	3428	8%
ALEMANHA	18	33	101	161	322	381	383	343	422	286	129	45	2624	6%
ITÁLIA	13	26	80	28	152	146	173	207	137	48	39	7	1056	2%
HOLANDA	12	13	56	21	119	182	139	133	97	35	26	17	850	2%
BÉLGICA	8	6	38	10	27	11	75	137	96	29	13	12	462	1%
LUXEMBURGO	11	11	12	23	11	24	47	175	109	53	21	24	521	1%
IRLANDA	32	57	14	96	37	12	25	189	38	15	46	15	576	1%
SUIÇA	9	6	25	5	14	0	27	201	98	54	5	11	455	1%
ESCANDINÁVIA	0	1	1	0	3	20	22	4	2	0	0	0	53	0%
GRÉCIA	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	0	9	0%
EUROPA LESTE - UE	19	25	6	23	17	13	7	98	53	53	27	31	372	1%
JAPÃO	8	25	3	10	13	6	8	53	25	25	7	6	189	0%
BRASIL	68	88	70	187	148	87	172	354	256	185	145	67	1827	4%
EUA	47	54	141	90	189	50	177	342	374	214	82	75	1835	4%
CANADÁ	5	10	4	11	23	3	47	170	87	34	9	0	403	1%
ÁFRICA DO SUL	3	6	7	22	13	0	8	77	12	5	4	0	157	0%
AUSTRÁLIA	6	2	11	8	18	21	34	78	19	1	13	3	214	0%
ARGENTINA	5	5	10	5	12	9	25	61	38	30	23	10	233	1%
ÍNDIA	0	0	0	2	2	0	0	0	107	0	0	0	111	0%
ISRAEL	1	1	0	0	0	0	0	6	1	0	8	0	17	0%
MÉXICO	14	13	0	16	2	3	30	44	16	13	9	5	165	0%
VENEZUELA	12	18	15	31	22	16	57	123	68	59	28	20	469	1%
LESTE EUROPEU	4	4	13	9	32	0	4	47	14	5	4	5	141	0%
EXTREMO ORIENTE	3	3	0	5	6	4	9	6	7	2	0	0	45	0%
OUTROS	82	108	217	229	267	147	359	463	310	160	95	70	2507	6%
PORTUGAL	349	469	678	581	713	584	1070	998	924	569	333	318	7586	18%
EMIGRANTES	4	6	71	2	148	157	309	286	202	45	9	33	1272	3%
TOTAIS	1606	1799	2783	2645	3978	3559	6487	7109	5954	3519	1826	1592	42827	100%

3.5.2.2. Motivos do turismo

Tabela 4: Motivos do turismo segundo o produto estratégico em 2011 e 2012. Fonte: Loja do turismo

Produtos estratégicos	2011	2012	(2012-2011)/2011
City short breaks	8075	6030	-25%
Touring Cultural	7867	9253	18%
Turismo de Negócios	1450	823	-43%
Gastronomia e Vinhos	9208	9017	-2%
Turismo de Natureza	4462	3753	-16%
Turismo Religioso	6635	8016	21%
Saúde Bem-estar	3368	1282	-62%
Golf	62	12	-81%
Turismo Náutico	310	340	10%
Eventos	4478	4928	10%
Total	45915	43454	

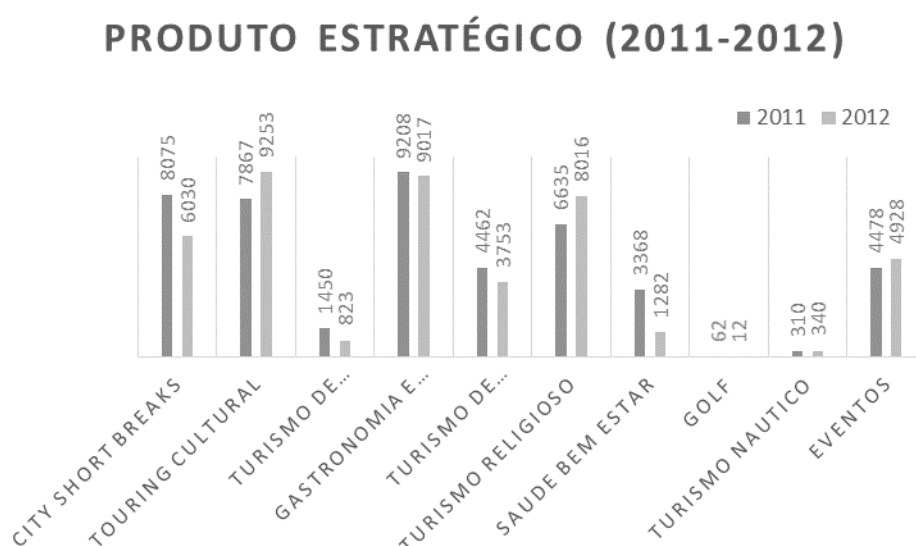


Gráfico 3: Motivos do turismo segundo o produto estratégico em 2011 e 2012.

Fonte: Loja do turismo

Os motivos que mais influenciam o turismo em Valença é o turismo cultural e pelo seu local histórico, a fortaleza. Em seguida surge o turismo de recreio, que se localiza mais intensamente no interior da fortaleza, pois este no seu interior possui estabelecimentos de restauração e pequenos comércios. O turismo religioso também é significativo, devido aos caminhos de Santiago de Compostela e com menos importância, a peregrinação a Fátima.

3.5.2.3. Duração da estadia

Para a medição ser mais específica de acordo com o produto estratégico, foram obtidos os resultados segundo o posto de turismo de Valença, sendo que, será possível ter um entendimento sobre de que forma o produto estratégico pode influenciar a duração da estadia no local.

Tabela 5: Tabela de estadia relativa a 1 noite. Fonte: Turismo de Valença

Produtos estratégicos	1 NOITE												TOTAL PAX
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	
City short breaks	45	35	307	53	354	249	375	267	374	224	171	179	2634
Touring Cultural	503	759	154	791	315	213	348	1298	348	395	177	258	5580
Turismo de Negócios	95	114	10	103	0	0	0	216	0	34	2	35	610
Gastronomia e Vinhos	266	320	386	372	491	402	972	582	424	249	142	187	4793
Turismo de Natureza	189	149	138	331	128	193	327	384	110	175	23	14	2161
Turismo Religioso	120	141	255	381	273	700	1062	625	448	356	148	207	4714
Saúde Bem-estar	18	2	26	12	5	10	92	116	73	0	11	7	372
Golf	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Turismo Náutico	0	0	12	0	10	71	66	104	0	0	0	0	263
Eventos	106	137	102	241	320	137	342	725	441	147	42	124	2864
TOTAL	1343	1657	1400	2284	1897	1975	3585	4317	2216	1580	718	1021	23991
ALOJAMENTO													
Hotel	0	0	170	0	264	394	777	156	406	424	186	239	3016
Pensão/Hostel	0	0	443	0	622	744	1556	199	358	464	196	291	4873
T.E.R.	0	0	12	0	10	0	48	30	174	230	114	132	760
Campismo	0	0	113	0	120	120	233	0	24	15	0	0	625
Familiar	0	0	41	0	41	2	66	20	66	2	14	122	374

Nesta situação o tempo de permanência é mínimo (uma noite), tratando-se então de um visitante temporário, que permanece aproximadamente 24h no local.

Este tipo de turismo evidencia-se mais no mês de Julho e Agosto, embora os meses anteriores a estes também apresentem valores consideráveis. A durabilidade da estadia depende do produto turístico, sendo neste caso o *Touring Cultural*, *Gastronomia e Vinhos* e também o *Turismo Religioso*, aqueles que mais influência tiveram.

Tabela 6: Tabela de estadia relativa a 2-3 noite. Fonte: Turismo de Valença

2-3 NOITES

Produtos estratégicos	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	TOTAL PAX
City short breaks	4	0	99	0	266	212	291	165	345	222	192	116	1913
Touring Cultural	123	70	141	121	174	286	397	595	500	280	175	153	3015
Turismo de Negócios	6	4	2	11	0	0	6	52	0	7	26	31	147
Gastronomia e Vinhos	41	48	260	135	443	353	591	404	355	243	117	88	3081
Turismo de Natureza	28	11	142	11	162	158	301	249	72	10	23	20	1187
Turismo Religioso	30	106	97	152	241	154	278	391	416	245	131	107	2348
Saúde Bem-estar	0	0	17	5	40	2	38	52	150	95	74	65	571
Golf	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	4
Turismo Náutico	0	0	0	0	8	10	44	0	0	0	0	0	62
Eventos	2	0	69	7	259	155	282	190	388	111	33	17	1513
TOTAL	236	239	827	442	1593	1330	2228	2128	2234	1216	771	597	13841
ALOJAMENTO													
Hotel	92	65	205	90	373	337	708	620	582	372	231	192	3867
Pensão/Hostel	115	67	392	208	799	713	1095	867	696	439	267	207	5867
T.E.R.	10	8	52	15	11	15	83	283	496	345	217	134	1669
Campismo	0	0	76	0	187	152	166	93	72	4	0	0	750
Familiar	10	2	79	16	61	21	75	160	288	56	56	64	888

Nesta situação o tempo de permanência é entre duas a três noites, tratando-se então de um turista que revela algum interesse em conhecer a área e/ou disfrutar de algum produto mais específico.

Tabela 7: Relação o total dos visitantes entre 1 noite e 2-3noites.

Existe uma procura mais dispersa entre os meses de Maio e Setembro, sendo de carácter mais intenso nos meses de época alta. No entanto, os produtos que mais influência tiveram são de Gastronomia e Vinhos, *Touring Cultural* e Turismo Religioso. Embora os produtos turísticos, sejam os mesmos, estes diminuíram aproximadamente 50%, exceto o Turismo de Saúde Bem-Estar que apresenta um crescimento de aproximadamente 50%.

Relação entre estadia	1 Noite	2-3 Noites	
City short breaks	2634	1913	73 %
Touring Cultural	5580	3015	54 %
Turismo de Negócios	610	147	24 %
Gastronomia e Vinhos	4793	3081	64 %
Turismo de Natureza	2161	1187	55 %
Turismo Religioso	4714	2348	50 %
Saúde Bem-estar	372	571	153 %
Turismo Náutico	263	62	24 %
Eventos	2864	1513	53 %

Tabela 8: Tabela de estadia relativa a 4-5 noite. Fonte: Turismo de Valença

4-5 NOITES													
Produtos estratégicos	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	TOTAL PAX
City short breaks	0	0	29	0	59	82	123	92	282	172	59	8	906
Touring Cultural	4	0	40	0	86	86	105	168	283	169	93	28	1062
Turismo de Negócios	0	0	2	0	0	0	0	21	0	0	0	0	23
Gastronomia e Vinhos	14	0	71	0	170	136	192	178	338	160	61	6	1326
Turismo de Natureza	0	0	28	0	71	58	90	54	74	0	6	0	381
Turismo Religioso	0	0	12	24	25	15	128	143	366	166	58	17	954
Saúde Bem-estar	0	0	0	0	0	0	25	61	123	78	45	7	339
Golf	0	0	0	0	0	0	0	4	4	0	0	0	8
Turismo Náutico	0	0	0	0	0	5	10	0	0	0	0	0	15
Eventos	0	0	13	0	57	27	75	51	227	78	17	0	545
TOTAL	18	0	195	24	468	409	748	772	1697	823	339	66	5559
ALOJAMENTO													
Hotel	4	0	37	10	118	119	277	215	467	269	117	44	1677
Pensão/Hostel	14	0	90	14	276	220	341	291	589	305	90	10	2240
T.E.R.	0	0	10	0	23	0	80	139	393	209	101	12	967
Campismo	0	0	14	0	46	45	37	55	51	0	0	0	248
Familiar	0	0	21	0	5	17	23	72	196	40	31	0	405

Nesta situação o tempo de permanência é entre quatro a cinco noites, tratando-se então de um turista que revela algum interesse em conhecer a área e/ou disfrutar de algum produto mais específico.

Existe uma procura mais evidente nos meses de Agosto a Outubro, sendo o mês de Setembro aquele que apresenta maior importância. Nesta situação existe um período de estadia mais longo, mas já referente à época baixa. O alojamento varia entre Pensão/Hostel e Hotel.

O produto turístico que mais influência são Gastronomia e Vinhos, *Touring Cultural* e Turismo Religioso. Apresentando um decréscimo de aproximadamente 60% continuam a ser o ponto de maior interesse, já o turismo de Saúde Bem-Estar, apresenta um decréscimo menor de 40%.

3.5.3. Mercado turístico

3.5.3.1. Principais produtos turísticos

Os principais produtos turísticos de Valença é a fortaleza, no sector do *touring cultural* e a gastronomia e vinhos pela sua rota de vinho verde e na sua variada gastronomia típica.

3.5.3.2. Produtos turísticos que influenciam o local de intervenção

O principal produto turístico é o mais importante para o concelho e para a área de intervenção, pela sua proximidade e relação histórica (Rio Minho e fortaleza).

No entanto, o turismo da natureza é aquele que está presente no local, pelo seu contato com a natureza, pelas suas paisagens e pela existência de ecovias no local.

No local também podemos encontrar turismo de habitação, relacionado com o turismo rural, por tratar-se de uma hospedagem de natureza familiar, numa quinta do séc. XIX com valor arquitetónico.



Fig. 7-Quinta da Raposeira. Fonte: website 3

CAPÍTULO IV caso de estudo

4. Especificações da região

4.1. O clima

O clima será aprofundado em três tópicos, o contraste térmico, a pluviosidade e o nevoeiro/nebulosidade. O contraste térmico do Alto Minho (fig.8) leva-nos a definir a região em 3 categorias de Verão (quente, moderado e fresco) e quatro categorias de Inverno (moderado, fresco, frio e muito frio), podemos então destacar três regimes térmicos dentro desta região. Na faixa litoral, temos um verão fresco, com um inverno moderado, influenciado pela proximidade do mar. Ao longo dos vales dos rios Minho e Lima e seus afluentes, temos um verão quente e um inverno fresco, devido ao relevo montanhoso e finalmente um verão fresco e um inverno frio ou muito frio, no cimo das montanhas interiores, marcadas pela elevada altitude.

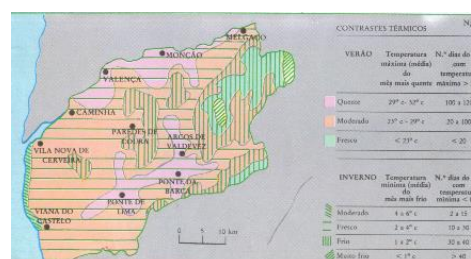


Fig. 8-Contrastes térmicos no alto Minho.

Fonte: ALMEIDA, C. A. F. (1987), Alto Minho, Lisboa, edição 1, pp-14.

A precipitação no Alto Minho foi considerada segundo a sua frequência, isto é, o número de dias em que a sua precipitação é igual ou superior a 0,1mm durante o ano e o seu volume total. Segundo o mapa (fig.8), ao longo do litoral, rios principais e os seus tributários que a frequência é em média, menos que 140 dias e o total anual inferior a 2000 mm, sendo estes valores, ultrapassados nas partes altas da serra. Embora a maior precipitação anual não represente necessariamente maior número de dias de pluviosidade, devido ao relevo do Alto Minho. Contudo é o concelho de Paredes de Coura que apresenta maior número de dias de pluviosidade devido a sua altitude, com um valor de 2000 mm.

O clima do Minho é extremamente dominado por fenómenos de condensação, sendo este afetado por vários tipos de nevoeiros, os de advecção, que se formam pela condensação do vapor de água do ar em contacto com as águas marítimas, próprios da zona litoral e surgem normalmente pelas manhãs de verão. Os nevoeiros de irradiação, ligados às noites límpidas e frias, associadas as geadas, próprias de zonas continentais baixas, surgem do outono à primavera. Contudo, estes por vezes juntam-se, sobretudo na parte final da bacia dos rios, durante a manhã, sendo então um nevoeiro misto.

Quanto à nebulosidade, a sua existência é maior nas áreas montanhosas e colinas, em especial nas voltadas para oeste, norte e sul, conforme a direção do vento.

4.2. Paisagem

O Alto Minho é característico pela sua diversidade, desde as suas paisagens naturais às humanizadas, mostrando a sua natureza e cultura ao longo dos anos. Desde o seu relevo, manto vegetal e animal, marcas históricas e clima, todas elas tornam o Alto Minho uma região muito bela e pura, com inúmeras atividades e paisagens a serem descobertas.

Esta região possui quatro áreas protegidas, locais especiais para a observação da natureza, espécies de animais que o povoam e das tradições culturais das suas gentes. O parque da Peneda-Gerês classificado como Parque Nacional pela União Internacional de conservação da Natureza. O parque Natural do Litoral Norte que se estende entre a foz Neiva e a zona sul da Apúlia, com intenção de preservar especialmente o relevo do sistema dunar. A área de Paisagem Protegida do Corno do Bico com as medidas de preservar a importante mancha carvalhal que enquadra com uma envolvente essencialmente montanhosa, esta área protegida integra as cabeceiras de três importantes cursos de água do Alto Minho (Labrujo, Coura e Vez). Por último, a que se localiza entre o rio Lima a sul e as serras de Arga e Cabração a norte, é classificada por constituir um interessante sistema lacustre, envolvido por um mosaico agroflorestal que se considera importante preservar e valorizar.

Os montes, montanhas e colinas são então banhados pelos rios que vão até à costa marítima, esta região é famosa também pela sua zona costeira que é banhada pelo oceano Atlântico e é também a zona onde se encontra maior intervenção humana.

Em termos hidrográficos o Rio Minho é um rio internacional, aquele que tem maior expressão e relevância, sendo o eixo onde afluem os rios Mouro, Gadanha e Coura e a sua foz é em Caminha. Do ponto de vista geomorfológico, esta bacia caracteriza-se pela oposição entre relevos elevados, terminando em planaltos descontínuos e vales profundos, mas largos, e de fundo aplanado. Os declives acentuados de superfícies rochosas e solos esqueléticos (litigiosos), normalmente de natureza granítica ou xistosa (p. ex., serra da Peneda), demonstram que esta é uma área sujeita a processos de elevada erosão. No entanto, à medida que se desce em direção aos vales dos rios Minho e Coura, o risco de erosão vai progressivamente diminuindo. O Rio Lima nasce na província de Orense e atravessa o vale da serra do Gerês e da Peneda, continuando por Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Ponte de Lima e a sua foz em Viana do Castelo, este rio é importante pela via de comunicação entre estes concelhos. Existem também os rios afluentes, Rio Coura que desagua no Rio Minho e o Rio Vez que desagua no Rio Lima.

Estes rios em troços mais abertos e com o abrandamento da velocidade das águas permitem a criação de praias fluviais, sendo uma atração em algumas das freguesias dos municípios interiores.

Na zona costeira, nos municípios de Viana do Castelo e Caminha temos as praias marítimas, com águas ricas em iodo e com atividades desportivas e balneares na época balnear. Com a sua história ligada aos pescadores têm então o seu porto e mercado.



Fig. 9- Esquema da variedade de paisagem existentes no Alto Minho. Fonte: website 4

4.3. Vivências, cultura e tradições

O Minho é a terra das romarias e uma região de múltiplas festas, que estão distribuídas pelo ano todo, sendo mais frequentes a partir de Maio com o seu auge em Agosto, demonstrando a alegria do povo minhoto. Estas festas populares e principalmente de carácter religioso são realizadas em todas as freguesias dos dez municípios.



Fig. 10-Festa senhora d'Agonia em Viana do Castelo. Fonte: website 5

A emulação entre as paróquias, sempre pequenas e muito próximas, com uma densidade populacional relativamente grande, com poderosas estruturas sociais que precisam destas celebrações para se afirmarem e com necessidades psíquicas do festivo para ritmar o tempo e superar o quotidiano (...)

ALMEIDA, C. A. F. (1987), Alto Minho, Lisboa, edição 1, pp-54.

É nesta altura que a paróquia se abre ao exterior e procura de atrair novos forasteiros para afirmar e pantear as suas qualidades, ganhando prestígio. Transformando-se no centro das atenções ela é “abrilhantada” com os seus enfeites, luzes e música.

Estas festas servem também para fortalecer e unir as estruturas sociais da comunidade, com a visita de familiares e amigos e uma maior intensidade de dádivas entre os vizinhos. Os locais tornam-se hospitaleiros e os emigrantes que vêm de férias, participam com a comunidade, relembrando as suas origens.

Entre as celebrações festivas, as romarias merecem uma referência mais longa pelo seu tradicionalismo e porque nos proporcionam ricas manifestações de religiosidade popular, podendo denominá-las locais, regionais ou inter-regionais, consoante a sua dimensão. No entanto, esta região também é famosa pelas suas atividades mais contemporâneas, abrangendo um público mais jovem, famoso pelos seus festivais de música em Paredes de Coura e Vilar de Mouros e a Bienal Internacional de Artes de Cerveira, a mais antiga Bienal de arte do país.

Para além das romarias e festas, o Alto Minho é conhecido pelas suas feiras e mercados, como se trata de uma região de cultivos agrícolas e de animais este é então o seu local de venda, realizadas semanalmente, quinzenalmente, mensalmente ou anualmente. As feiras realizadas a longo prazo são aquelas que apresentam maior carácter tradicional, pela sua variada comercialização, algumas relacionadas a



Fig. 11-Feira dos Santos. Fonte : website 6

festividades religiosas, como a feira dos Santos em Valença, no entanto, as feiras que surgem mais frequentemente, têm um carácter mais standardizado, apresentando sempre os mesmos produtos e nem sempre tradicionais, como o artesanato.

5. Especificações locais -Valença

5.1. Paisagem

Valença apresenta uma diferença de cotas compreendidas entre 0 e 785 metros de altitude, correspondendo as mais baixas aos limites do rio Minho e as mais altas às zonas montanhosas, como o monte do Faro, que serve como miradouro para o vale do Minho.

A zona mais densamente povoada localiza-se nas faixas marginais ao rio Minho, entre 0 e 200m de altitude, existindo também alguns povoamentos dispersos acima destes. A maior parte do solo é utilizado para agricultura e/floresta, exceto a zona dedicada à urbanização (centro de Valença). De carácter mais natural este contém pequenas ribeiras, trilhos pedestres, mosteiros, gravuras rupestres, entre outros distribuídos pelo concelho.

5.1.1. Estratégia ecológica e Flora

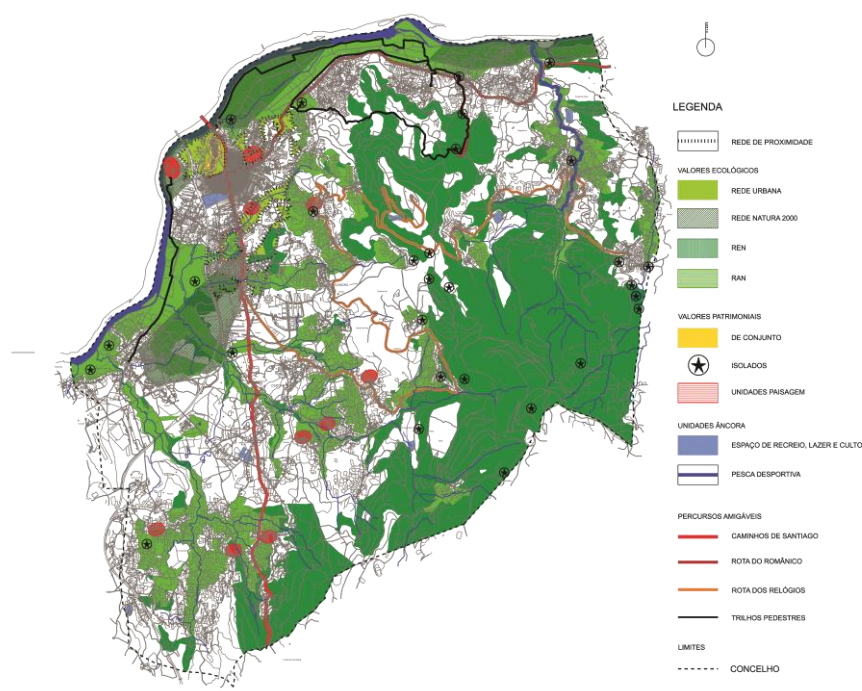


Fig. 12- Planta de estrutura ecológica Municipal. Fonte: Plano Director Municipal

A estratégia ecológica permite-nos compreender de que forma estão distribuídos os valores ecológicos do concelho, protegendo assim a fauna e flora de forma planeada. Através deste plano é possível uma perceção do carácter do concelho, isto é, como já foi referido anteriormente, Valença tem uma paisagem natural complementada por valores patrimoniais. A existência de trilhos permite uma observação da natureza e dos valores patrimoniais, e como se trata de uma paisagem variada, é possível escolher entre um percurso de natureza *soft*, na zona de cotas mais baixas ou um percurso de natureza *hard*, na zona de cotas mais elevadas.

5.2. Influência da rede hidrográfica

O concelho de Valença é densamente povoado por uma rede hidrográfica de cursos de água, de entre riachos e rios, destaca-se o rio Minho como o principal e seguidamente o Manco e o Veiga de Mira.⁷

Como já foi abordado anteriormente, este povo sempre esteve relacionado com a pesca, mas tratando-se de uma zona fronteiriça, o rio Minho apoiou também o desenvolvimento de mercados nacionais e internacionais, existindo ao longo da costa, portos para barcos tradicionais.

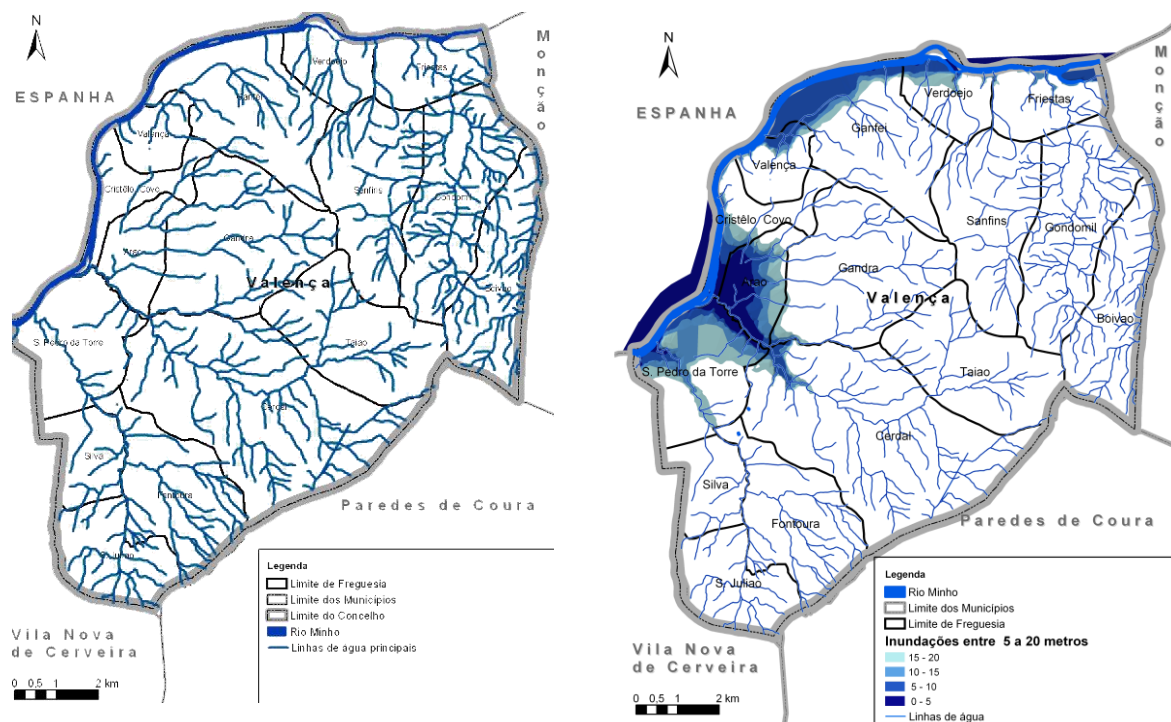


Fig. 13-Rede hidrográfica sem e com cheias. Fonte: website 7

⁷ Rocha, J. M., Valença, 1991, edição ASA porto, pp45

5.2.1. Paisagem

O rio Minho é uma grande influência na paisagem, pois é a partir do concelho de Valença que apresenta a mais larga escala, criando um declive regular, influenciado pelas marés. A feição torrencial que domina o rio Minho desaparece e o alvéolo, mais largo, permite a formação de areia, que possui um nível de água baixo, criando uma camada de vegetação na sua envolvente. Bastante influenciado pelas inundações, este rio apresenta desníveis de água bastante acentuados como podemos verificar na fig.14, que podem atingir entre 5 e 20 metros de altura.



Fig. 15-Vista panorâmica do rio Minho. Fonte: Website 8



Fig. 14- - Rio Minho. Fonte: própria autoria.

5.2.2. Impacto das inundações na ecologia

Segundo a Avaliação Ambiental Estratégica do Relatório Ambiental⁸ a área que se encontra na envolvente do rio Minho é uma área que apresenta valores na biodiversidade sendo classificada pelo plano sectorial da Rede Natura 2000, protegendo as aves - Estuários dos Rios Minho e Coura- que se estende da foz até Valença reunindo um conjunto de habitats húmidos de elevada importância ecológica, tais como águas estuarinas, bancos de vasa e de areia, sapais, matas ripícolas, caniçais e juncais. Suporta uma avifauna muito diversificada, com destaque para aves aquáticas invernantes; e Sítio Importância Comunitário (SIC) desde o extremo nascente do seu curso ao longo do município de Melgaço até à sua foz. Este é o rio que apresenta menos intervenções por grandes estruturas hidráulicas de Portugal, apresentando a existência de peixes migratórios e o desenvolvimento de algumas matas ripícolas de elevado interesse ecológico.

A riqueza hidrográfica mostra grandes potencialidades agroflorestais e agrícolas sendo no entanto protegida pela rede RAN. Como se pode observar na fig16 as cheias do rio Minho influenciam os cultivos e a vegetação em várias zonas, principalmente na área veiga mira, onde predomina a vegetação ribeirinha de bosque dos tipos Louriçal, Palustres e Carvalho,

⁸ Plano Diretor Municipal de Valença

sendo por isso, um habitat privilegiado para várias espécies de aves migratórias e para a lontra.⁹

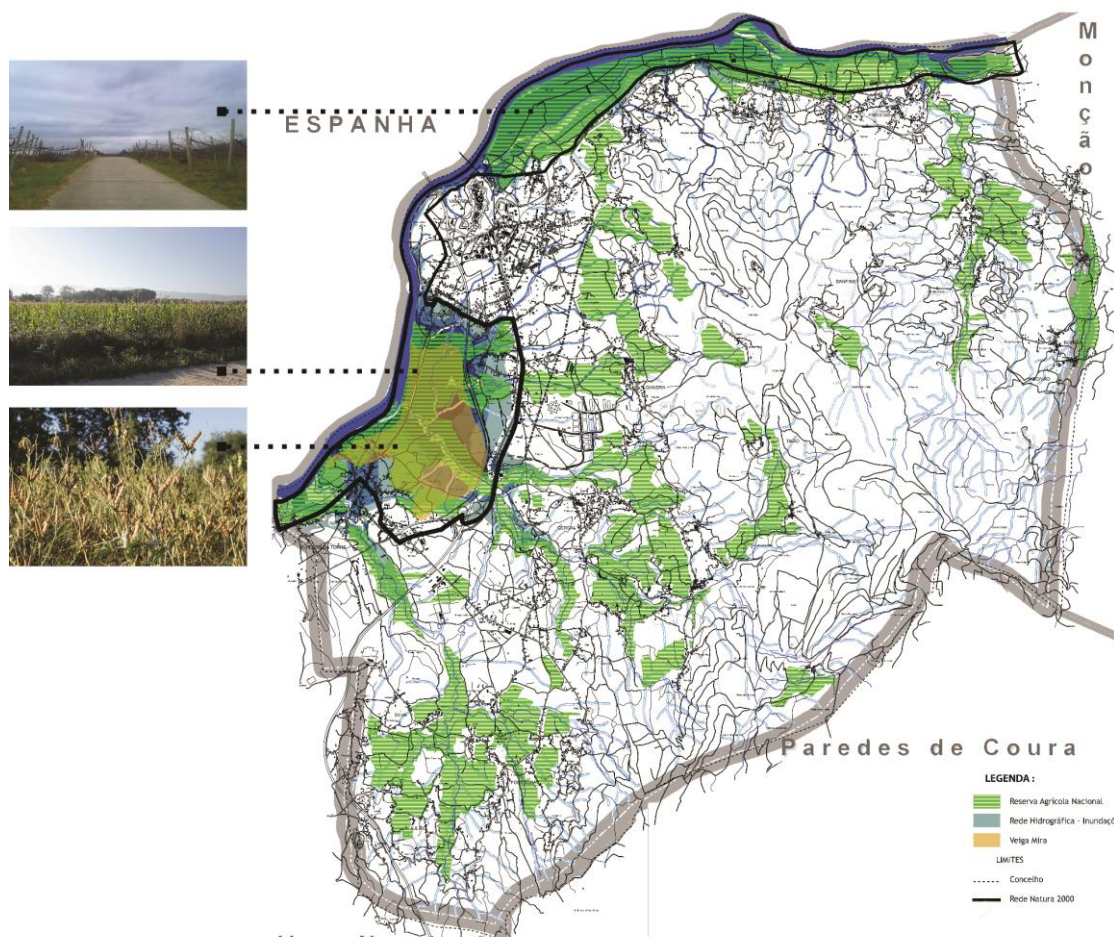


Fig. 16-Influencia do rio Minho e das suas inundações segundo a rede Natura 2000. Fonte: Plano Director Municipal de Valença

5.2.3. Desportos náuticos e pesca

Vários desportos se encontram ligados ao rio Minho, no entanto grande parte deles possuem infraestruturas (existindo um na área de intervenção), mas já não se encontram ativos, apenas se realizam como atividades de verão, a canoagem e o remo. Contudo existe um clube de natação que realiza travessias ao longo do ano.

Atualmente, a pesca também é vista como um desporto que marca posição, tendo os seus próprios locais e competições ao longo do ano.

⁹ Website 15

5.3. Atividades do sector primário

Eu terra com o rebanho

Eles no rio a pescar

Peixes de todo o tamanho

Eu somente a contemplar...

NEVES, M. A. A. P., *Cristelo Covo Entre o castelo e o rio*, edição 2006, junta de freguesia de Cristelo Covo, pp28

Desde as origens, este local sempre esteve associado a atividades do sector primário, no entanto aquelas que vamos abordar são a agricultura e a pecuária, pois estas são as mais relacionadas com esta intervenção.

A área envolvente de intervenção é abordada com estas atividades, sendo a mais importante a pecuária, cercada pelo rio Minho, que esteve sempre presente na vida dos habitantes quando após 1989, a fauna piscícola deixou de aparecer, devido a problemas de poluição.

A existência de pesqueiras ao longo do rio mantém ativa a pesca, no entanto, já não é vista como fonte económica, mas sim como passatempo ou desporto. Contudo esta é, marcante nas memórias dos moradores e da sua história, pois por longos anos, este produzia uma espantosa quantidade de espécies piscícolas. Tanto homens como mulheres eram pescadores e a partir do séc. XX as mulheres também colaboravam na pesca, junto à margem, todas juntas puxavam a rede de peixe até a costa, enquanto os homens iam de barco. A agricultura de certo modo é praticada por grande parte da população, inclusive aqueles que trabalham no sector secundário e terciário, mantendo o seu próprio cultivo. Esta apresenta produtores que possuem grandes áreas de cultivo, podendo assim comercializá-los e outros com pequenas áreas apenas para consumo próprio. No entanto, segundo o Plano Diretor Municipal de Valença, podemos observar que área destinada a Reserva Agrícola Nacional é bastante abundante.

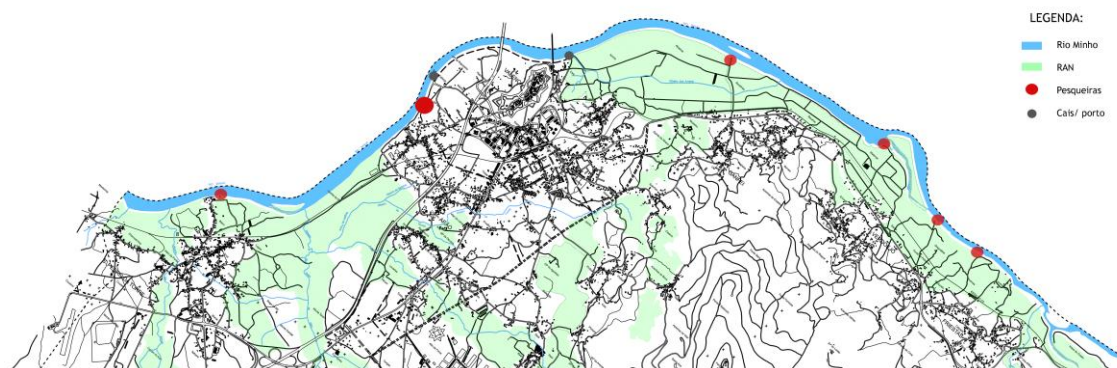


Fig. 17- Distribuição das pesqueiras pela localidade e contacto com a área RAN. Fonte: Plano Diretor Municipal de Valença.

5.4. Arquitetura - Elementos marcantes

Fortaleza de Valença

A Praça-forte de Valença foi um dos primeiros muros construídos no séc. XIII com uma continuidade até ao séc. XVIII, é uma das principais fortificações militares da Europa, com 5 km de perímetro amuralhado e considerado património classificado segundo o Plano Diretor Municipal de Valença.

Uma obra de Arquitetura Militar medieval e moderna, que possui um sistema abaluartado tipo Vauban, sistema este composto por 10 baluartes e 2 meios baluartes. Constituída por dois corpos, que se foi modificando através dos séculos, ao sabor das necessidades e da ciência militar.

O acesso ao corpo principal da fortaleza é feito pelas Portas do Sol a nascente, as Portas da Fonte da Vila a poente, as Portas da Gaviarra a norte e a sul as Portas da Coroadá.



Fig. 18- Perspetiva da fortaleza. Fonte: website9



Fig. 20-Portas da Gaviarra. Fonte: Website10

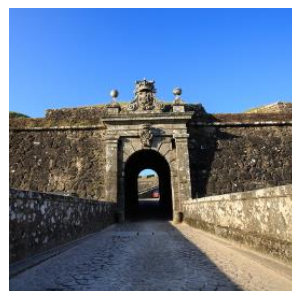


Fig. 19-Portas da Coroadá: Fonte: website11

Interior da Fortaleza

A muralha foi crescendo ao longo dos anos, primeiramente construída com os muros medievais e com uma planta em “bastide”, com um reticulado linear quase perfeito, chamada Rua Direita, servindo o centro cívico/religioso e que estabelecia uma relação com o Rio Minho através das Portas da Gaviarra. Nos dias de hoje, o interior da fortaleza é uma zona de comércio e restauração, sendo a Rua Direita, uma das mais famosas pelo comércio. As capelas e igrejas continuam abertas e com a devida manutenção.

Ponte Eiffel séc XIX

A primeira ponte construída entre Valença e Tui, projetada com o modelo Eiffel, e contruída no ano de 1879, permitindo uma conexão entre estes dois países, com ligação ferroviária, rodoviária e pedonal.



Fig. 21-Ponte Eiffel. Fonte: Website 12

6. Especificações territoriais

6.1. Posição e importância em relação à cidade

O Parque da Senhora da Cabeça previsto para a zona ribeirinha a ponte de Valença, compreende em quase toda a sua extensão a área de SIC, interferindo muito localmente com as Unidades de Conservação designadas por Rios e Matos e vegetação pioneira, esta última na zona dos Medos.

O parque da Senhora da Cabeça é um parque natural com abundante vegetação e acompanhado por um parque de merendas e um parque infantil, possuindo mobília urbana de apoio ao local e um estabelecimento de restauração. Destaca-se pela sua paisagem e contato com o rio, uma zona de lazer, que se encontra próxima do centro de Valença.

A sua proximidade com o centro facilita o seu acesso, havendo uma comunicação pela via rodoviária e ecovia. Os meios de transporte encontram-se a 20 minutos a pé e a 5 minutos de viatura. A fortaleza, ponto de maior interesse na localidade, encontra-se a 13 minutos a pé e a 2 minutos de viatura, existindo também percursos pedestres e ecovias ao redor da fortaleza que interligam o parque da Senhora da Cabeça com a fortaleza.

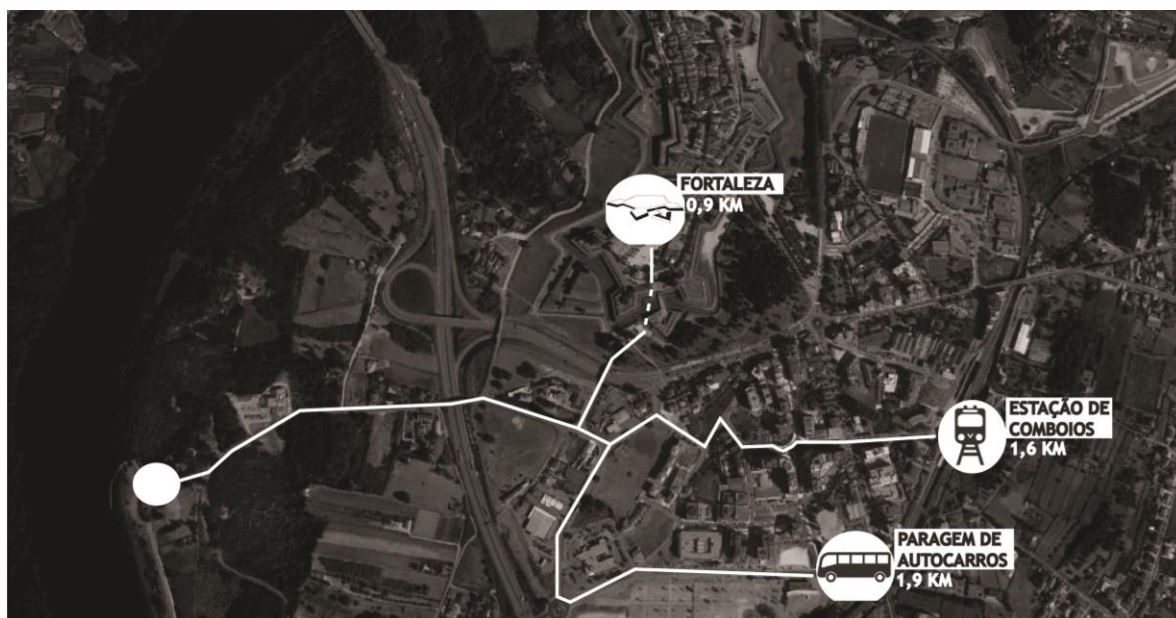


Fig. 22-Acessos e distâncias dos meios de transporte e fortaleza. Fonte: Própria autoria.

6.2. Tradições

Nossa Senhora da Cabeça

A Senhora da Cabeça é a advogada contra as cefalalgias ou cefaleias, isto é, contra as conhecidas «dores de cabeça».

NEVES, A. A. P., *Cristelo Covo- entre o castelo e o rio*, 2006, pp52.

Esta é a capela mais emblemática da freguesia, em 1925 foi realizada a primeira festa em sua honra, na qual se tornou a santa padroeira dos pescadores da freguesia de Cristelo Covo. Em 1927 foi construída a capela e a escadaria, no entanto já nos anos anteriores, este local tem uma tradição, o lanço da Cruz, isto é na segunda-feira de Páscoa, no final da visita Pascal, o pároco da freguesia devidamente ornamentado e com a cruz, toma lugar num barco e vai até à margem espanhola, dando aos espanhóis a beijar a cruz e o mesmo se passa com o pároco espanhol, que durante este procedimento lança as redes de pesca e todo o peixe pescado será oferta ao pároco.



Fig. 23- Lançamento da Cruz . Fonte: website 12

6.3. Flora e fauna

O parque da Senhora da Cabeça possui uma abundante plantação, considerado povoamento florestal e onde a sua flora oferece poucas espécies. Sendo ela mais abundante que diversa, o seu local junto ao rio Minho possui uma fauna mais diversificada com mamíferos, aves e anfíbios, estando alguns deles em vias de extinção ou em estado migratório.

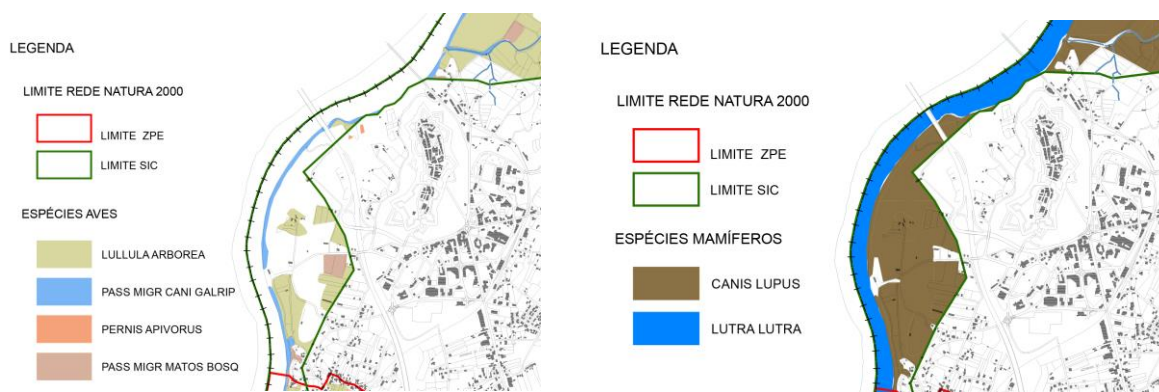


Fig. 24- Distribuição das espécies. Fonte: Plano Diretor Municipal Valença.

Tabela 9: Espécies existentes na área de intervenção Fonte: Plano Diretor Municipal de Valença

Diversidade das espécies	Espécies peixes ¹⁰		Espécies Aves	Espécies Mamíferas	Espécie florestais
	Sável	Salmão	Tartaranhão-ruivo-dos-pauis	Lontra	Pinheiro Bravo
	Savelha	Enguia	Garçote	Lobo (canis lupus)	Folhosas diversas e eucaliptos
	Boga	Barbo	Garça-vermelha		
	Escalo	Esgana-gata	Negrinha		
	Lampreia	Truta-mariscada			
	Pimpão	Achega			

6.4. Percursos pedestres e ciclovias

Na área de intervenção existem dois percursos pedestres devidamente equipados e sinalizados, o trilho da Veiga da Mira, que começa no parque da Senhora da Cabeça, com uma extensão de 4,5 km, é percorrido junto à margem do rio Minho e do Biótipo da Veiga Mira. Um percurso realizado paralelamente às linhas ferroviárias, tem um trajeto que permite observar as zonas húmidas mais importantes do rio Minho, trata-se de uma reserva natural protegida apresentando uma das faunas e floras mais importantes da bacia do Minho. Ao longo do percurso existe também uma ponte medieval que termina o percurso na freguesia de S. Pedro da Torre.

O outro percurso é a ecopista do rio Minho (green way), tomando partido da

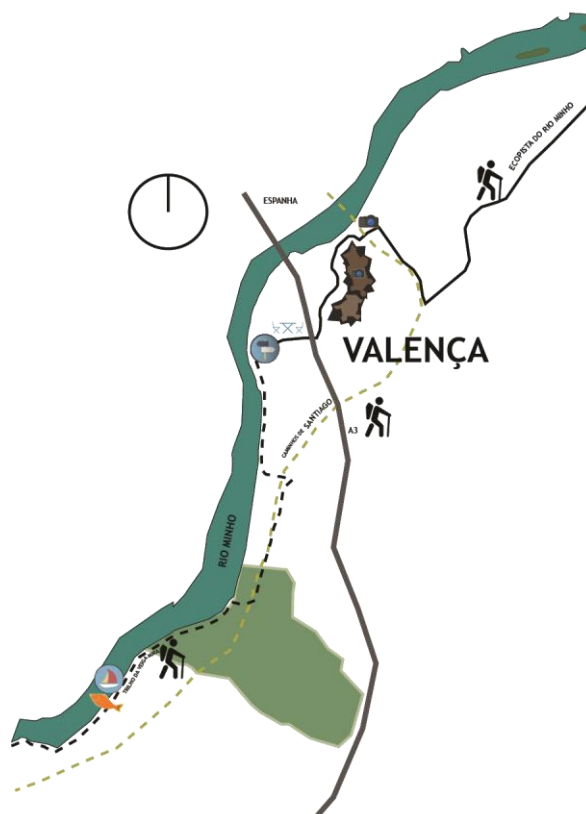


Fig. 25-Percursos que influenciam o local. Fonte: própria autoria.

¹⁰ Plano Director Municipal, Carta de Valores Naturais Valença-espécie Peixes, 20/10/08

plataforma desativa da via-férrea que ligava ao concelho de Monção. Este projeto teve a sua inauguração em 2004 e foi considerada a primeira ecopista em Portugal com riqueza paisagista e ambiental. Este percurso tinha inicialmente 13 km, mas prolongou-se pela margem do rio Minho até 17 km, acompanhando a paisagem do rio Minho e a sua flora, detentora de um habitat de múltiplas espécies.

Os Caminhos de Santiago é de todos o mais conhecido e com mais circulação, com o seu percurso perto da área de intervenção até Santiago de Compostela. Este percurso de carácter religioso ou aventureiro, atravessa Valença e o interior da fortaleza. Este cruza-se com o percurso da Ecopista junto à Ponte Eiffel e tem o apoio do albergue para a estadia dos peregrinos.

Existem mais doze trilhos pelo concelho de Valença, que mostram as paisagens, natureza, arquitetura, monumentos e artes rupestres, estes trilhos evidenciam o reconhecimento do município pelo seu valor ecológico e paisagístico nas áreas onde se desenvolvem, no qual sete deles estão de acordo com as Normas da Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo.

CAPÍTULO V Objetivos para o local

7. Problemática do local

O parque da Senhora da Cabeça trata-se de uma zona de lazer e convívio, no entanto possui algumas características que o tornam um espaço de interesse para ser utilizado a nível histórico, social e religioso.

Contudo, existe uma necessidade de serem desenvolvidas essas infraestruturas para que o espaço se torne mais independente e mais apelativo.

A presença de habitantes é evidente, sentindo-se um interesse em contemplar, vivenciar e explorar este espaço na íntegra.

Sentindo então essa necessidade de exploração, de criar uma intenção arquitetónica que leve os seus utilizadores a quererem viver este espaço, surge então esta proposta, que se baseia no desenvolver/criar infraestruturas de forma a que o utilizador saiba vivenciar o espaço e o que este tem para oferecer, proporcionando-lhe as condições necessárias para que possa fazê-lo de forma sustentável.

Este problema pretende ser confrontado através de um entendimento do espaço e uma vez que o potencial deste seja desenvolvido, será capaz de se tornar independente.

8. Proposta de Intervenção

8.1. Objetivo

A proposta de intervenção no parque Senhora da Cabeça tem aproximadamente uma área de 385939,6 m² (aproximadamente 38 ha) e trata-se de uma reestruturação das infraestruturas do parque transformando-o num espaço de destino turístico para os visitantes e de interesse para os excursionistas.

Encontra-se no limite do solo urbanizado, para tal, tem-se como objetivo que toda a rede urbana possa usufruir desta área como espaço de natureza e lazer, tornando-se a maior zona verde de apoio à área urbana.

O principal destino Turístico (fortaleza) do concelho encontra-se a uma distância de 1 km, tratando-se de um turismo de património. Pretendendo-se uma expansão e dispersão deste destino, criando uma conectividade com o espaço natural, esta ligação entre espaços criará

uma maior ligação entre o património histórico e o rio Minho, fortalecendo os laços históricos, visto que este era o limite entre o povo valenciano e o galego.

Os caminhos de Santiago com a construção da ponte Eiffel foram-se alterando e passaram a ser percorridos pela ponte. No entanto, existe a intenção de possibilitar outra vez esta passagem pelo rio, de barco, criando um percurso que levará os peregrinos até a outra margem, como a história antigamente contava.

A presença da ecopista do Minho, considerada a quarta melhor ecopista a nível europeu¹¹ atrai um número de excursionistas considerável, existindo vários pontos de paragem ao longo do percurso, cujo objetivo é transformar o parque da Senhora da Cabeça num local principal, visto ser um ponto central da ecopista, fornecendo todo o suporte de apoio a esta.

Estes são os objetivos para desenvolver o parque quanto aos excursionistas, no entanto para transformar este local num destino turístico e obter maior número de turistas, serão desenvolvidas atividades mais dinâmicas e a possibilidade de estadia. Contudo segundo o P.E.N.T. 2011, sabemos que as áreas que devem ser desenvolvidas na zona Norte são o turismo da Natureza, Gastronomia e Vinhos e Saúde e Bem-Estar.

Proporcionado pelo local, os recursos naturais de turismo que maior importância terão neste local, será o turismo da Natureza, que irá desenvolver atividades de natureza soft e de natureza hard, juntamente com atividades de recreio. Dentro do turismo da Natureza existe o turismo rural, que estará presente, criando assim um parque de campismo que possibilite a estadia no local.

Outros dos setores que apresentarão desenvolvimento, é o turismo náutico, pelas suas atividades relacionadas com o rio e com o turismo de Saúde e Bem-Estar pela criação de piscinas e serviços de lazer no local.

8.2. Intervenções

Analisando a dimensão da intervenção, esta está dividida em duas partes, sendo a primeira dedicada aos excursionistas e residentes, servindo de apoio às infraestruturas existentes e englobando o centro do concelho como desenvolvimento dos espaços verdes de natureza. A segunda parte dedicada aos visitantes e residentes, com foco no local, temos um desenvolvimento mais centralizado, criando novas infraestruturas e tornando o espaço autossuficiente.

Numa primeira parte, provocando uma intervenção mais dispersa, conectando o centro de Valença, a história e os percursos, considera-se as seguintes fases:

Espaço natural de lazer para a área urbana

¹¹ Encontro Europeu de Vias Verdes, Bélgica, 2009

O parque da Senhora da Cabeça está classificado como solo rural, no entanto é delimitado pelo solo urbano, sendo este o centro de Valença. No entanto não existem espaços verdes dedicados a esta área, que não pertençam à estrutura verde urbana. De caráter mais rural e natural, este parque possui o devido equipamento de lazer que será aquele que serve de apoio à zona urbana.

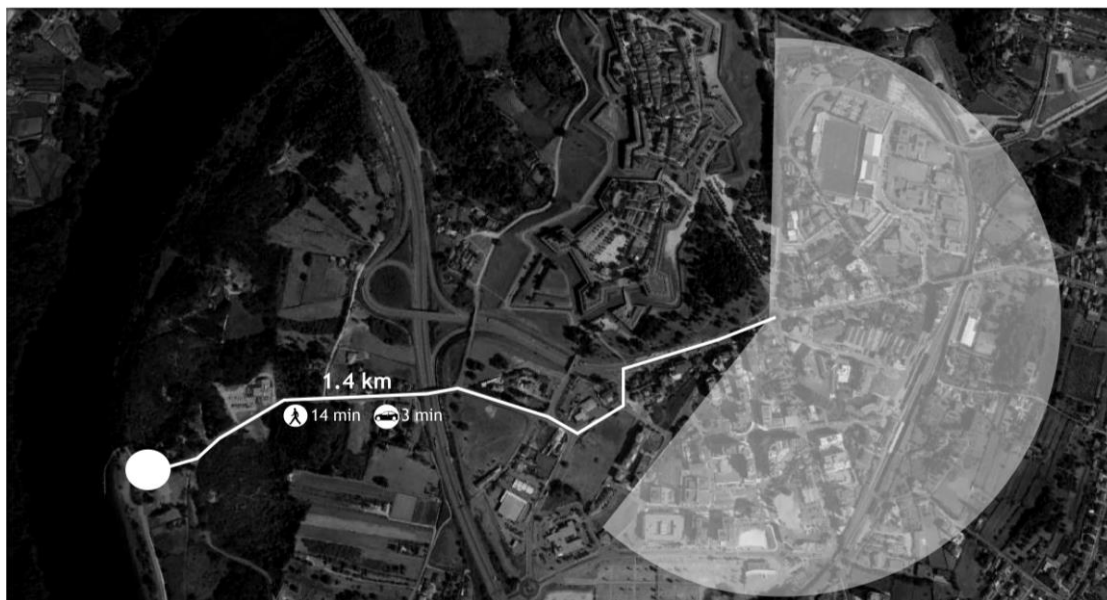


Fig. 26-Centro da cidade de Valença e zona de maior densidade habitacional. Fonte: própria autoria.

História da Fortaleza

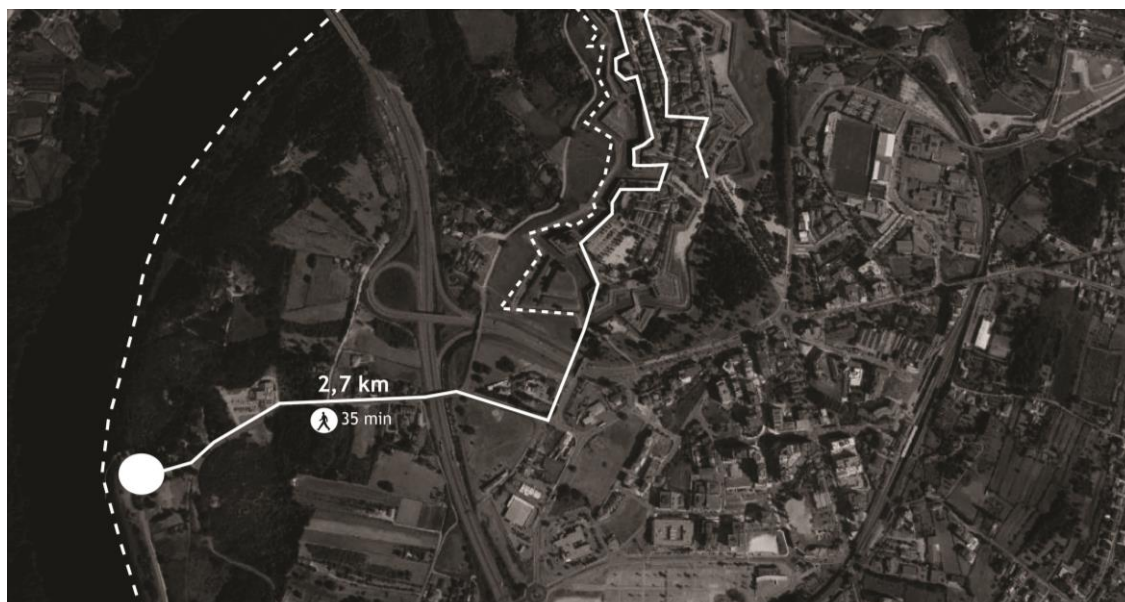


Fig. 27-*Touring*- cultural e paisagístico, que revelem a história entre a fortaleza e o rio Minho. Fonte: própria autoria.

A história da cidade foca-se na fortaleza e no rio Minho, tratando-se de uma das mais importantes arquiteturas militares europeias, anteriormente, o limite entre os valencianos e os galegos. Hoje em dia, o principal destino turístico é a fortaleza, com um turismo de património, sendo que em época alta, o número de excursionistas é aproximadamente 10 mil por dia.

Encontrando-se à distância de 1 km, com o parque da Senhora da Cabeça, pretende-se criar uma expansão e dispersão do turismo da fortaleza, recriando aquele contacto direto e vivências com o rio, como se observa na história. A criação de um *touring*, que percorre a fortaleza e o parque da Senhora da Cabeça, restabelecerá a relação entre a fortaleza e o rio Minho.

Uma vez que os excursionistas e/ou visitantes já têm um interesse pelo património e pela história do local, surge apenas a necessidade de direcionar a visita, nesta situação um *touring*, cultural e paisagístico.

Caminhos de Santiago de Compostela

O caminho português da peregrinação a Santiago de Compostela é o turismo religioso que mais influência tem em Valença. Esta rota representa 14% (em 2013) de todas as rotas de peregrinação a Santiago de Compostela¹². Em 2011, segundo a Câmara Municipal de Valença, passaram 25628 peregrinos, podendo estes repousar no Albergue de S. Teotónio ou continuar o percurso.

Ao longo dos anos, a rota tem vindo a ser alterada pouco a pouco. Hoje em dia, existe uma, que circula pelo interior da fortaleza e outra que segue diretamente pelo exterior desta, ambas direcionadas para a ponte Eiffel.

Antes da construção da ponte Eiffel, o único modo de cruzar o rio era de barco, então esta era a única opção para os peregrinos. Visto que é importante recriar os laços históricos do lugar, será criado um trajeto de barco, que parta do porto do parque da Senhora da Cabeça até ao porto situado em Tui.

¹² Fonte: <http://www.vialusitana.org/2014/01/estadisticas-todo-o-ano-de-2013/> (11/08/2015)

Recreando este trajeto será possível atravessar o rio de barco ou pela ponte, podendo escolher entre seguir o trajeto anterior ou o novo, isto para aqueles que percorrem a rota de modo pedonal, todos os outros apenas poderão percorrer pela ponte Eiffel.

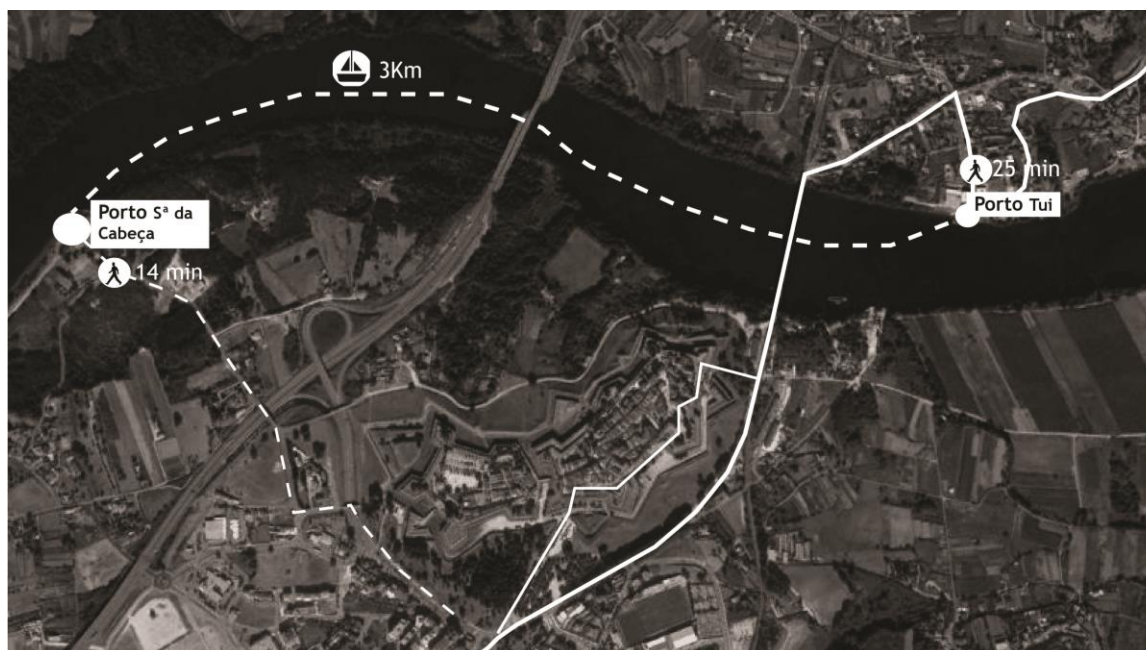


Fig. 28-Percurso de Santiago de Compostela e proposta do percurso de Santiago de Compostela pelo rio. Fonte: própria autoria.

Ecopista

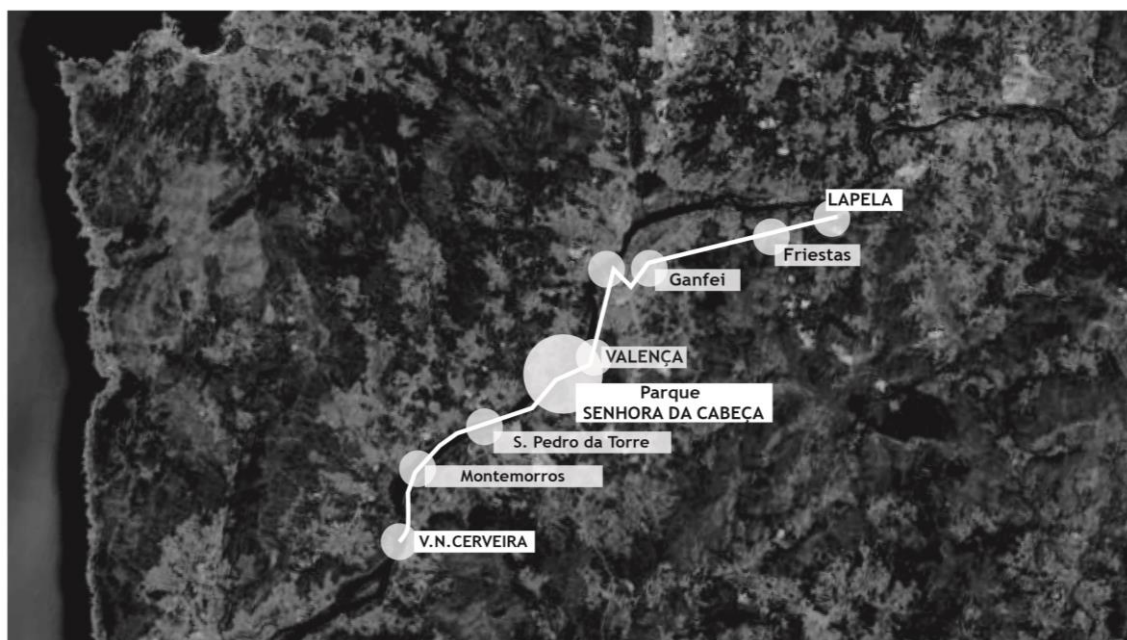


Fig. 29-Ecopista do Minho com os locais de apoio e a sua importância, segundo a proposta. Fonte: própria autoria.

A existência da ecopista do Minho permite uma ligação entre Monção, Valença e Vila Nova de Cerveira de forma ecológica, isto é, pode ser percorrida de patins, bicicleta ou a pé, tratando-se de um percurso de dificuldade reduzida com aproximadamente 40 km, com vários pontos de acesso, podendo realizá-la por partes. O seu percurso entre Valença e Lapela reutiliza as infraestruturas da antiga linha ferroviária, ou seja, as estações de comboio e apeadeiros que existiam antigamente, servem agora como pontos de água potável e/ou instalações sanitárias. Desde Valença a Cerveira, os apoios são feitos no centro das freguesias ou criados parques junto ao rio.

O percurso é caracterizado como sendo um dos melhores, pela sua riqueza natural e cultural. Ao longo do percurso podemos encontrar vários tipos de fauna e flora, pesqueiras antigas, miradouros, capelas, entre outros. Os seus utilizadores são principalmente os portugueses e espanhóis, apresentando também outras nacionalidades, mas não em número considerável.

A ecopista apresenta o seu potencial turístico, contudo, pretende-se criar um centro que dinamize mais a sua utilização, tanto como apoio de lazer e repouso, como também de incentivo às atividades desportivas com a presença de mobiliário urbano. Uma vez que esta se encontra no centro do percurso será possível a sua execução em duas direções ou utilizada como zona de repouso.

A segunda parte da intervenção, centraliza-se no parque da Senhora da Cabeça, de modo a que se torne autossuficiente, no entanto as intervenções da primeira parte são um modo de atração para o local e a segunda parte para aqueles que já têm como destino turístico o local, desejando prolongar a estadia e/ou usufruir das atividades que nele se desenvolvem, como as seguintes:

Turismo de Natureza

Os principais recursos naturais daquela área são sítios naturais, isto é, rio Minho, fauna, flora, pesca e paisagem, sendo estes que se irão desenvolver e transformar em produto turístico.

A motivação principal para este turismo baseia-se em viver experiências de grande valor simbólico e interagir/usufruir da natureza, assim sendo, os dois mercados serão desenvolvidos. A natureza *soft* engloba atividades de baixa intensidade, como percursos, passeios, observação da fauna, entre outros, no qual a presença da ecopista representa um grande potencial neste mercado. A natureza *hard* engloba experiências relacionadas com a prática de desportos, desenvolvendo algumas atividades como *kayaking* e *hiking*.

A presença do rio Minho permite-nos desenvolver uma parte do turismo náutico através dos desportos como remo e canoagem ou apenas como atividades de recreio e lazer como pesca natação, circuitos de barco e a praia fluvial.

A exploração das atividades de recreio e lazer proporcionam uma abundante quantidade de opções de turismo, onde o turismo de Saúde e Bem-Estar também se manifesta, embora não seja dos mais influentes. A criação de piscinas, que em época balnear serão de água fria e no inverno de água quente, fazendo-se acompanhar de sauna e banho turco, relacionadas com atividades de relaxamento.

O Turismo Rural

A possibilidade de estadia no local através de um parque de campismo com exploração agrícola permitirá uma extensão do período no local e uma vez que este será em parte o produtor dos seus próprios alimentos, permitirá ao utilizador uma experiência deste caráter, se assim o desejar.

Uma vez que o solo já está classificado como espaço complementar agrícola, possuirá as propriedades necessárias para a produção de alimentos ou vinhos. Esta é uma forma sustentável para adquirir os produtos da terra, permitindo ao utilizador uma degustação dos alimentos tradicionais.

O parque de campismo irá desenvolver diferentes modos de estadia, permitindo novas experiências e a possibilidade de estadia o ano todo. Hoje em dia, a procura de novas experiências é uma das principais razões de turismo, para tal será implementado um novo sistema de campismo em Portugal, tratando-se das *tree tent*. Para poder usufruir do campismo o ano todo e para aqueles que são possuidores de mobilidade condicionada, existirá o abrigo/glamping.

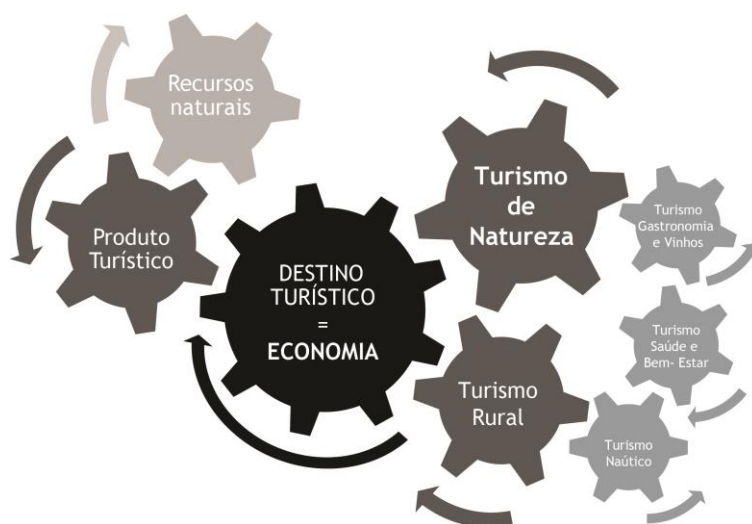


Fig. 30-Relação entre as atividades desenvolvidas em cada turismo. Fonte: Própria autoria.

8.3. Metodologia

Uma vez analisados os objetivos para o local e para a sua área de influência, ir-se-á abordar de que forma essa intenção se encontrará presente no projeto.

Touring

Para as intervenções relacionadas com o *touring*, serão criados elementos que definam esse percurso, no próprio local da Senhora da Cabeça. Existirá então, um local para repousar, uma zona de piquenique, instalações sanitárias, bebedouros, entre outros. No entanto, para os tourings específicos como: Touring religioso onde podem contemplar a capela da Senhora da Cabeça; Touring de degustação, onde existe um local destinado à degustação de vinhos e produtos locais; Touring de natureza, este mais vasto, existindo dois focos que remetem para a paisagem e um centro informativo que contém toda a informação sobre as espécies do local.



Fig. 31-Tourings e os seus pontos de interesse. Fonte: própria autoria.

Caminhos de santiago

Na reestruturação dos caminhos de Santiago pela água, foi criado um porto público, para barcos de pequeno porte, permitindo assim encontrar barcos que se destinem a este fim. Tornando o rio um local mais movimentado e vivido para os peregrinos experimentarem uma vivência diferente.

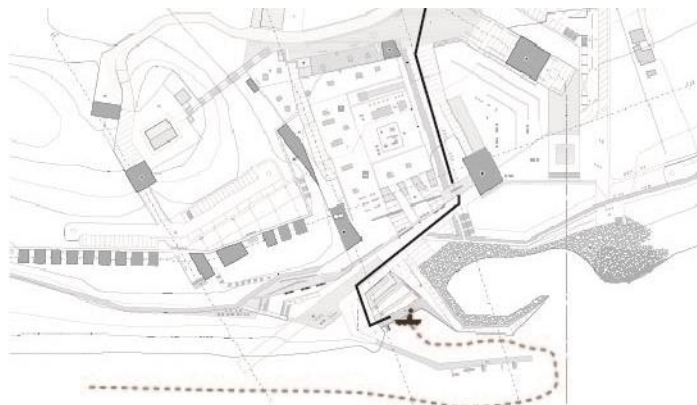


Fig. 32-Reestruturação do percurso “Caminhos de Santiago”. Fonte: própria autoria.

Ecopista

Tornando o parque da Senhora da Cabeça um ponto central da ecopista, este irá fornecer diferentes interesses, segundo o objetivo do utilizador. Para além das condições básicas como pontos de água potável, instalações sanitárias e pavimento apropriado, pode-se utilizar esta via, como percurso de lazer, onde poderá usufruir de miradouros, de diferentes desníveis do local e de equipamento urbano para repouso, com o cruzamento da ponte, em que poderá contemplar a paisagem sem obstáculo visual.

Para aqueles que pretendam usufruir da ecopista de um modo mais ativo e desportista, este possuirá máquinas de exercício exterior, local para alugar bicicletas e balneários públicos junto com cacifos.

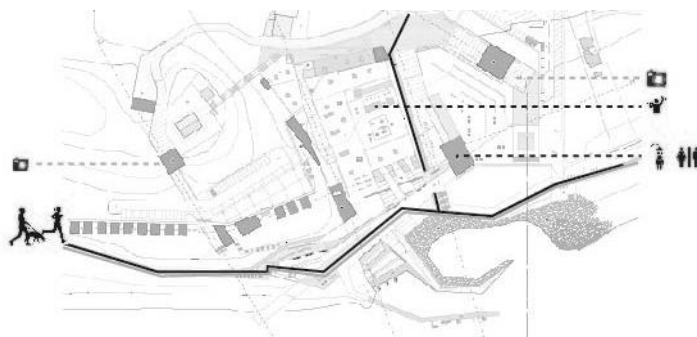


Fig. 33-Ecopista e os seus pontos de interesse. Fonte: própria autoria.

Na segunda parte da intervenção, aquela que transforma o espaço, de modo a torná-lo autossuficiente criando mais impacto no local.

Turismo de Natureza

Este é o elemento de foco no local, aquele que queremos destacar acima de todos os outros. Como referimos anteriormente, este turismo apresenta dois mercados que se baseiam em interagir/usufruir da natureza.

Aquele que se encontra mais presente no projeto é o turismo de natureza *soft*. Sendo que os elementos com maior impacto no projeto são os miradouros, que permitem contemplar a beleza do local através de duas perspetivas, desde uma cota baixa, conectada com o rio e desde uma cota elevada conectada com a vegetação. O projeto também é desenvolvido de forma a criar patamares que permitam diferentes visibilidades e combatam as inundações.

Os percursos dentro do local e a ecopista também são elementos que apoiam o turismo de natureza, junto com o parque de merendas que sofreu algumas alterações.

As atividades de natureza *hard* encontram-se mais ligadas ao rio, desenvolvendo assim o turismo náutico. No projeto foi criado um armazenamento de barcos e um armazenamento independente para as atividades como o remo, a canoagem, o kayaking, etc. A importância destes dois tipos de armazenamento, é feita pela existência de uma plataforma de barcos (já existente), ao qual se destina um armazenamento mais privado e condicionado e também pela criação de um porto de pequena dimensão, que será destinado para as canoas, kayaks, motas de água, que poderão ser alugados.

Turismo Saúde e Bem-Estar

O setor de turismo de Saúde e Bem-Estar é um dos que permitirá ao local manter-se ativo o ano todo, isto é, proporcionando atividades que sejam possíveis durante o ano e um espaço que será responsável pela manutenção do local.

Criam-se condições para uma praia fluvial, protegendo-a das correntes de água mais fortes e tornando-a a mais segura. A uma cota superior cria-se uma piscina natural, acompanhada de vegetação baixa e um edifício de suporte que contém balneários, vestuários, instalações sanitárias e chuveiros. Todos estes elementos serão públicos.

Quanto aos elementos privados, temos o centro de lazer- Spa que oferece sauna, banho turco, jacuzzi, massagens, ginásio e uma piscina que se adaptará às condições climáticas. A piscina possuirá uma cobertura flexível que no inverno a protegerá, para que não haja perdas de calor, uma vez que a água da piscina será aquecida. Na época balnear, a piscina ficará descoberta e funcionará em conjunto com a piscina natural.

Turismo Rural

O turismo rural vai de encontro com o turismo de natureza e este tem como função trabalhar em conjunto com as restantes atividades do parque.

O campismo encontra-se na zona mais arborizada do local, a uma cota que permita fácil acesso às atividades com uma maior independência e privacidade. Uma vez que se trata de um parque de campismo com pequenas dimensões, este tem uma intenção de proporcionar novas experiências aos utilizadores.

Este parque de campismo é estruturado de pequenos elementos que se desenvolvem em várias tipologias e todos eles possuem uma paisagem natural, como focos para a paisagem.

9. Projeto

9.1. Ideia de projeto

A ideia imposta no projeto é destacar os elementos mais importantes do local, na natureza. Surgindo então o conceito de “foco”, destacando os dois elementos mais presentes no espaço, a sua vegetação e o rio.

Tratando-se de uma topografia heterogênea, leva-se um dos focos ao ponto mais alto do terreno, envolvido na vegetação e o outro até a cota mais baixa possível, de encontro com o rio.

Estes dois elementos têm a função de miradouro para quem se encontra na área de intervenção. Estes miradouros têm a função de marcar a paisagem, como um marco do local, tanto para quem circula no rio como para o resto da cidade. Os outros elementos construtivos serão pequenos focos direcionados ao rio.

No local foram criadas três praças, duas de recepção ou de partida, dependendo do local de chegada, e outra central, de caráter mais social, interligando o parque de merendas já existente com as novas atividades propostas.

A intervenção possui zonas privadas ao seu redor, como o parque de campismo e centro de lazer- Spa, que permitirão uma manutenção da área e um controle anual do espaço. A zona central será pública permitindo uma maior interação entre os espaços privados e evitando o isolamento da área, mantendo-se uma dinâmica diariamente.

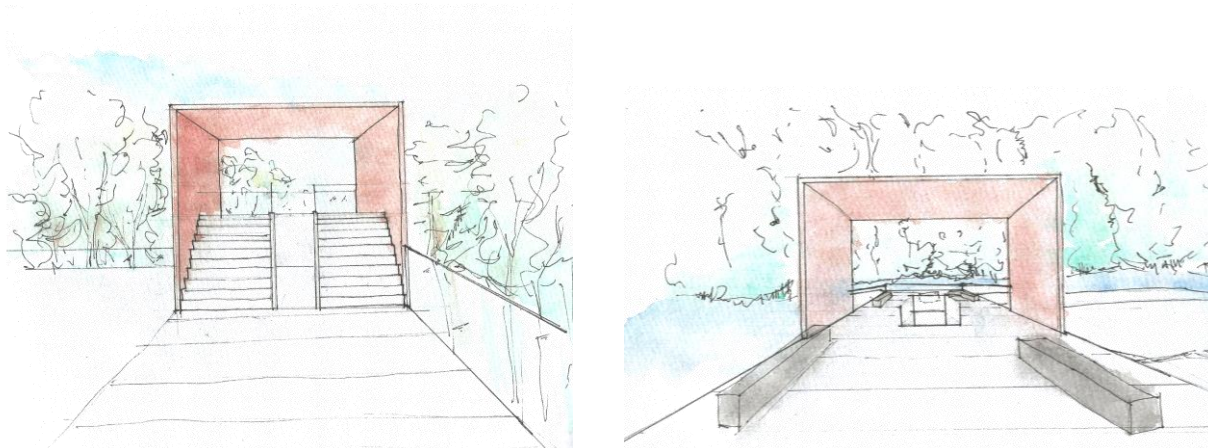


Fig. 34-“Focos”. Fonte: Própria autoria.

Linhas geradoras do projeto:

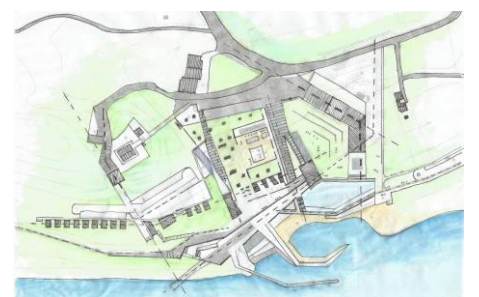
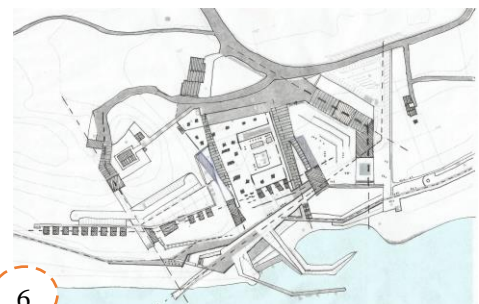


Fig. 35-Evolução da proposta, desde o existente até a proposta. Fonte: Própria autoria.

9.2. Memória descritiva

A intervenção foi estruturada de forma a desenvolver as infraestruturas já existentes e para tal, foram desenvolvidas e criadas zonas, que permitam ao local um desenvolvimento turístico.

Os acessos ao local mantiveram a mesma estrutura, embora dentro da proposta a sua hierarquia alterou-se, tornando os percursos pedestres os mais importantes e as vias rodoviárias mais secundárias, apenas para execução da sua manutenção/cargas e descargas.

Essas zonas foram pensadas, segundo o existente e segundo a topografia do local, sendo as seguintes zonas:

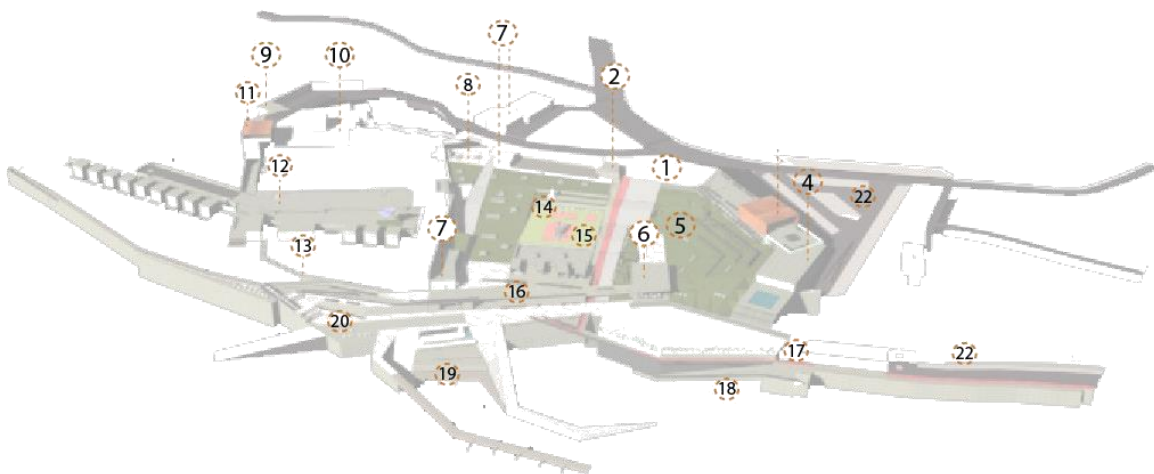


Fig. 36-Distribuição das zonas. Fonte: Própria autoria.

1. Praceta de acesso (rodoviário/pedonal)

Sendo este o lugar de acesso ao parque, foi criada uma praceta que permita mostrar a amplitude do parque e a distribuição dos seus percursos. Projetada como ponto de encontro, este é o local que será visível a partir da via rodoviária e a união entre o estacionamento e os espaços de interesse.



Fig. 37-Localização da praceta de acesso. Fonte: Própria autoria.

2. Ponto Informativo

Localizado na praça de acesso, este ponto informativo, permite uma introdução ao parque, permitindo assim dirigir os seus utilizadores segundo os seus interesses e obter informações sobre as atividades realizadas na área.



Fig. 38-Edifício posto de informação. Fonte: própria autoria.

3. Miradouro com foco para rio

O miradouro com foco para o rio é o primeiro foco que se encontra no projeto, cujo seu material (aço corten) e a dimensão do seu acesso marcam de imediato a importância no espaço.

Este permite não só uma observação da paisagem como também é um dos acessos a zonas de lazer-spa.



Fig. 39-Miradouro com foco para o rio. Fonte: Própria autoria.

4. Zona de lazer- spa

Esta zona desenvolve o turismo de Saúde e Bem-Estar e está preparado para funcionar o ano todo, permitindo ao local uma certa dinâmica. No seu interior existirá sala de massagens, banho turco, sauna, ginásio, *jacuzzi* e piscina adaptável às condições climatéricas. Uma vez que o espaço está pensado para estar ativo o ano todo, a piscina possui uma cobertura flexível, podendo ser coberta no inverno e descoberta no verão.

O seu acesso é feito pelo miradouro ou pela lateral, através de uma rampa. O edifício está distribuído apenas por um piso, que termina com a ligação até à piscina natural pública. Quando o rio atingir os níveis máximos (cota 10), a piscina natural ficará inundada e teremos a linha de água a delimitar o espaço.

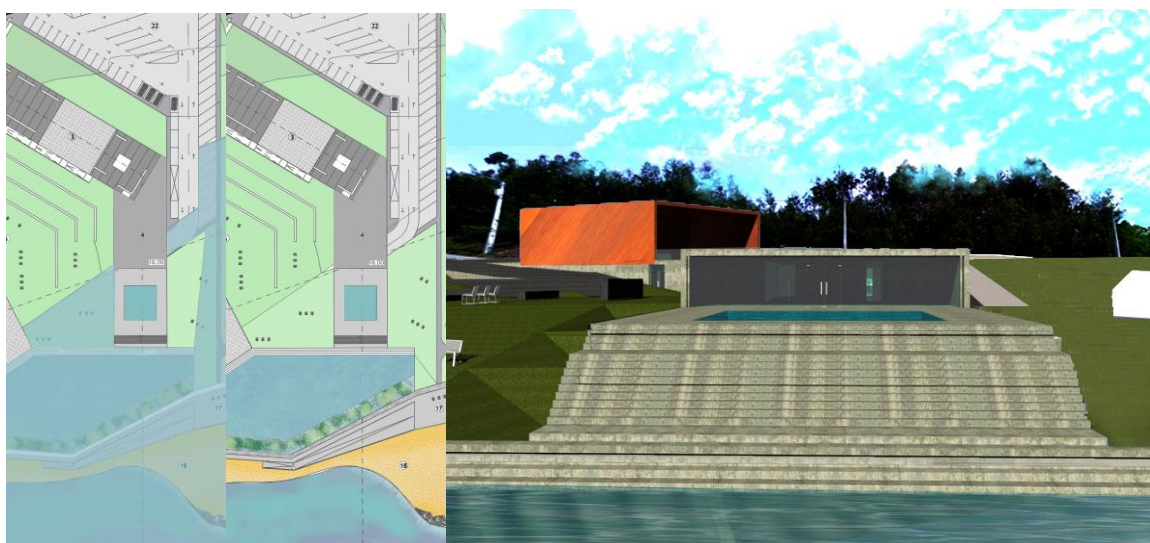


Fig. 40-Planta com no nível máximo e mínimo. Perspetiva do centro de lazer- spa. Fonte: Própria autoria.

5. Praceta social

Esta praceta, centralizada no local, possui um carácter social, criada de forma a centralizar as zonas de uso público que a rodeiam. Interrompida pelo eixo de circulação principal, esta praceta fica dividida em duas partes, uma que possui um anfiteatro natural e a outra que se destina ao parque infantil e à mobília urbana de apoio à ecopista.

O anfiteatro é estruturado pelo terreno, apresentando uma zona para espetáculos ao ar livre.



Fig. 41-Localização da praceta social e a sua interrupção pelo percurso principal. Fonte: Própria autoria.

6. Edifícios de apoio para época balnear

Os edifícios de apoio à época balnear serão dois e servem de infraestrutura para a piscina natural e o rio. No edifício que serve a piscina natural, existirá balneários, instalações sanitárias, vestuários e cacifos. No edifício que serve o rio, o objetivo é desenvolver as atividades náuticas, servindo de armazém para as canoas, motas de água, kayak, etc. e possuindo também balneários e instalações sanitárias.

Estes elementos trabalham de forma independente, sendo dependentes da cota da água. Uma vez que a cota da água atinja os seus níveis máximos, a piscina ficará submersa e o edifício náutico terá portas que permitam que não se inunde, apenas sendo possível circular o espaço pelo percurso interior.



Fig. 42-Edifício de apoio à piscina natural, perspectiva com os vestuários. Fonte: Própria autoria.



Fig. 43-Edifício de apoio à piscina natural, perspectiva com os cacifos e chuveiros. Fonte: Própria autoria.

7. Restauração

No local existe um restaurante e um café que serão integrados no projeto, no entanto, é criada mais uma infraestrutura que permita a degustação de vinhos e produtos regionais, de forma a apoiar o turismo de gastronomia e vinhos.



Fig. 44-Bar de degustação dos produtos locais. Fonte: Própria autoria.

8. Acesso interior

Devido à dimensão do parque foi criado um percurso pelo interior do parque de merendas até à zona do rio, que permite ter acesso às atividades náuticas, ao armazém de barcos e ao porto.



Fig. 45-Percurso Interior e as suas perspectivas de acesso. Fonte: Própria autoria.

9. Acesso ao parque de campismo

A receção do campismo acompanha-se pela entrada de um túnel que acede ao campismo. Esta solução permite utilizar as vias já existentes da zona, sem interferir com a zona religiosa.

10. Zona religiosa

O parque possui uma tradição ligada à Senhora da Cabeça, cuja existência da capela desta, a uma altitude de 32 metros, segue de uma escadaria emblemática e serve de pequenos elementos que apoiam o espaço enquanto zona religiosa.

11. Miradouro da fauna e flora

O miradouro da fauna e flora é aquele que se encontra no ponto de maior altitude, rodeado pela vegetação e junto à capela da Senhora da Cabeça, este sobe três metros para ficar sobre a vegetação e servir de marco para o resto da cidade. O seu piso inferior possui um centro de informação sobre as espécies do local. Uma vez que se trata de uma zona protegida pela SIC, é do interesse dar a conhecer aos visitantes quais as espécies existentes no local.



Fig. 46-Perspetiva do Foco/ Miradouro. Fonte: Própria autoria.

12. Parque de Campismo

O parque de campismo é outro zona privada do local, como apoio ao turismo natural, este tem o objetivo de permitir o prolongamento da estadia no local. O parque de campismo encontra-se situado entre a cota 17 m e 24 m, na área de maior florestação, que permitirão uma maior privacidade para os seus utilizadores.

A sua estadia é possível através de acampamento com tenda normal, tree tent ou glamping. O glamping é um elemento que permite a sua estadia anual, e as suas dimensões são 7x5x5 m, onde apenas o seu interior é alterado, podendo ser um duplo, triplo, quadruplo ou sêxtuplo.

Existem dois edifícios de apoio, um para as condições básicas como lavandaria, balneários, cozinha e instalações sanitárias e outro para convívio, contendo um café, sala de convívio e mercearia.



Fig. 47-Esquisso Tree tent. Fonte: Própria autoria.

13. Acesso entre o Campismo e o parque da Senhora da Cabeça

O acesso entre o campismo e o parque é feita em duas zonas, uma que liga diretamente a zona do rio e outra que liga ao parque de merendas. Eliminando assim os limites de privado e público, uma vez que estes já são feitos através da vegetação.

14. Zona de mobília urbana de apoio à ecopista

É criada uma zona que permita às pessoas praticarem exercício no próprio parque, aplicando máquinas de exercício exteriores e uma zona com o pavimento indicado, motivando assim a interação entre a ecopista e o parque. Estes equipamentos estão adaptados a todas as idades.



Fig. 48-Perspetiva das máquinas de exercício. Fonte: própria autoria.

15. Parque infantil

O parque infantil existente não sofreu algum tipo de alterações, adicionaram-se apenas mais atividades como as máquinas de exercício exteriores e mesas de xadrez ao seu redor.

16. Área de convívio e *outside offices*

Esta é a zona que se encontra mais centrada e que possibilita uma visibilidade para quase toda a área, aquela que os níveis de água não influenciam e que está adaptada de mobília urbana para relaxar e conviver.

Rodeada por zonas sociais como o parque de merendas, zona de restauração, acesso ao parque de campismo e à piscina natural, entende-se então que este espaço serve como um centro/união de todas estas zonas.

Devido à evolução das tecnologias, cria-se no próprio parque uma zona de escritórios exteriores que permitem ter acesso à internet e à energia elétrica, para que possam trabalhar no parque ou apenas utilizar estes *outside offices* como lazer.

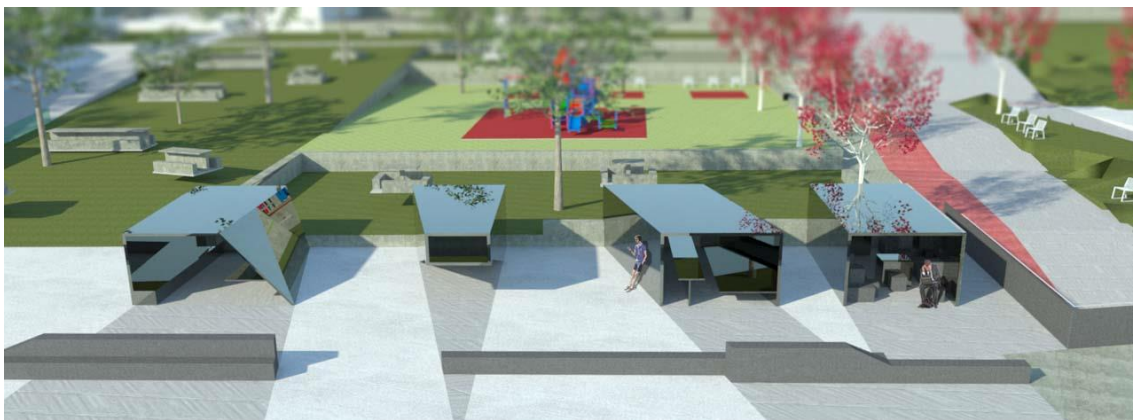


Fig. 49-Perspetiva sobre zona de convívio e *outside offices*. Fonte: própria autoria.

17. Acesso à praia fluvial e ecopista

O acesso à praia é feito por duas zonas, uma pela via pedonal principal e outra pela lateral. É possível aceder pelas escadas ou através da rampa, que existe na zona lateral.

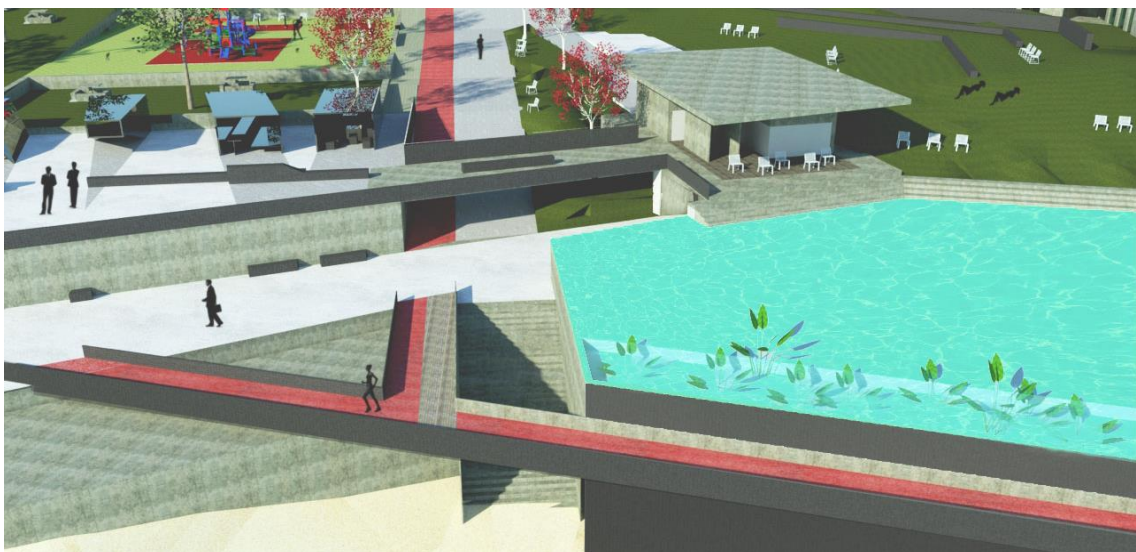


Fig. 50- Percursos. Fonte: própria autoria.

18. Praia Fluvial

A praia fluvial foi estruturada de modo a que as correntes das águas não seja tão intensas e para isso coloca-se um paredão que “abraça” a praia, evitando assim que a areia seja levada pela corrente das águas e se mantenha um desnível uniforme. Por outro lado, foram colocadas pedras de várias dimensões, criando um muro natural, para que a forma da praia não seja alterada ou que pouco a pouco desapareça.

Ao longo do paredão foi colocado um passadiço para que as pessoas possam circular à volta da praia.

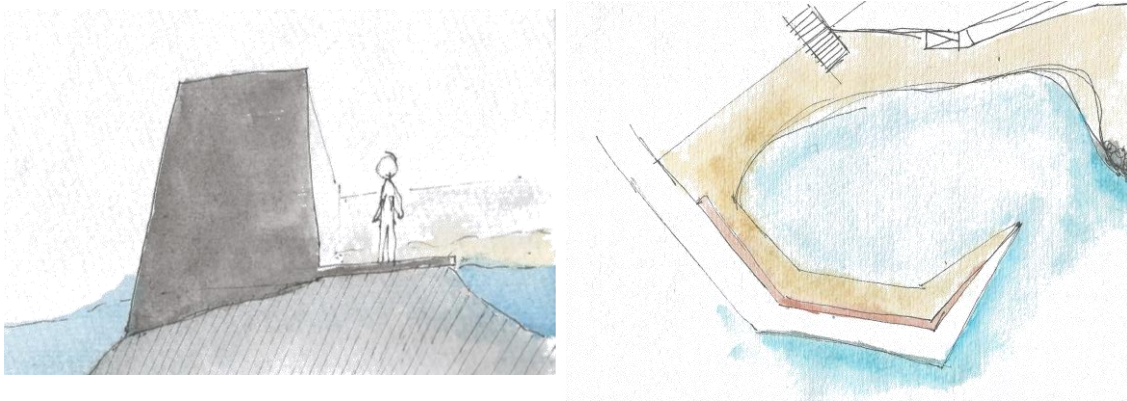


Fig. 51 -Praia fluvial e a sua relação com o paredão. Fonte: própria autoria.

19. Porto de barcos de pequeno porte

Aproveitando os desníveis, criam-se várias plataformas, como um anfiteatro até chegar ao porto, podendo ser utilizadas como zona de espera ou apenas para contemplar a paisagem.

O porto é uma plataforma flutuante que servirá as atividades náuticas, junto com a rampa de apoio que serve para transportar os barcos até ao rio.

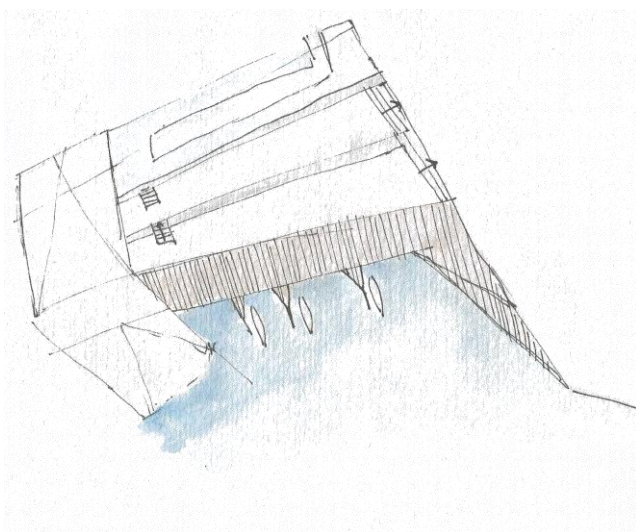


Fig. 52-Esquisso sobre o porto e a sua relação com a rampa e patamares. Fonte: própria autoria.

20. Praceta de acesso (pelo rio)

A chegada ao local pode ser feita também através do rio, criando-se uma praceta de acesso, onde a partir desta que se distribuem os percursos.



Fig. 53- Esquema da praceta de acesso pelo rio. Fonte: Própria autoria.

21. Plataforma para barcos

Este é um elemento já existente e é de uso privado, para aqueles que desejam deixar os seus barcos no parque da Senhora da Cabeça. No entanto, foi criado um armazém para os barcos que funcionem em conjunto com esta plataforma.

Como se trata de barcos de várias dimensões, existe uma rampa que permitirá transportar os barcos até ao rio.

22. Estacionamento

O estacionamento do parque encontra-se na parte superior lateral e contém aproximadamente 79 lugares para automóveis e 5 lugares para autocarros. O estacionamento do parque de campismo é privado e contém 34 lugares para automóveis e 8 lugares para autocaravanas ou atrelados.

9.3. Acessibilidades

Acessos ao parque da Senhora da Cabeça

Os acessos ao parque poderão ser feito através da via rodoviária, que ligam a cidade de Valença e através do rio.

Cargas e Descargas

Existe uma via no interior do projeto dedicada a cargas e descargas, tanto para os estabelecimentos como para a rampa de acesso ao rio. Esta via contém duas faixas de rodagem e tem um troço subterrâneo, resolvido com um túnel.

Percursos pedonais

As vias pedonais são as predominantes no projeto e estas estão adaptadas a todas as faixas etárias, todos os percursos são acessíveis por escadas e rampas, de forma a ter em atenção pessoas com mobilidade condicionada.

9.4. Materiais

Construção

Os materiais de construção serão os mesmos para todos os edifícios, pois deseja-se uma imagem homogénea das zonas edificadas. A membrana exterior (parede exterior) será revestida de betão aparente, camada separadora geotêxtil, membrana impermeabilizante, isolamento *wallmate*, camada separadora geotêxtil e betão aparente (construção do exterior para o interior).

As paredes interiores em zonas secas, será composta por placas Pladur GD, estruturada por perfis metálicos (montantes) e em zonas húmidas placas de Pladur WA, estruturada por perfis metálicos (montantes).

Os tetos falsos serão de placas Pladur FON+ DE 10mm. Os desenhos do padrão será o modelo básico e o modelo 1.

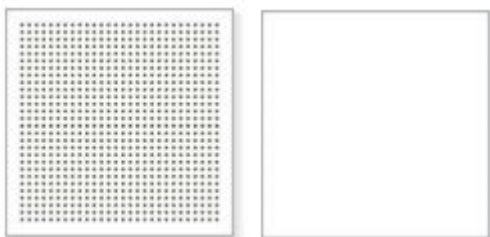


Fig. 54- Teto falso modelo básico e modelo 1. Fonte: website 13.

Pavimento

O pavimento exterior será de betão e nos percursos principais, os seus módulos serão marcados, perpendicularmente à direção do percurso. Na zona do campismo o pavimento que liga os blocos será de deck de madeira.

O pavimento interior será pavimento flutuante laminado de carvalho e betão nas zonas secas, nas zonas húmidas será pavimento cerâmico xisto preto 60x60 cm (Revigres).

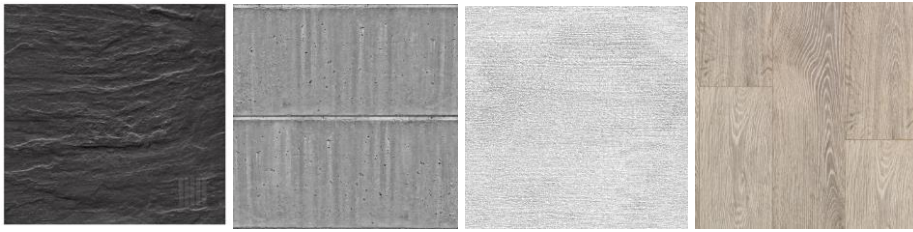


Fig. 55-Pavimentos, xisto preto, betão e carvalho. Fonte: website 14.

Vãos

Ao ter-se vãos exteriores (janelas) de grandes dimensões, para uma boa exposição solar e aproveitamento da paisagem, teve-se a preocupação de não existir este facto em demasia, então pensou-se na existência de grandes envidraçados, optou-se sempre por recuar os vãos, assim consequentemente a cobertura protege os vãos de insolação excessiva, tendo a função de pala de proteção. Estes vãos são constituídos por um vidro duplo de 40 mm com caixilharia de aço inox.

9.5. Condicionantes do projeto

Condições climatéricas

Foi feita uma breve análise sobre os ventos do território, para proteger o local e principalmente a zona balnear.

Determinou-se que os ventos mais fortes vêm de sul, tanto no inverno como no verão e a zona de maior radiação solar é entre sudoeste e sul no inverno e de sul no verão.

Como solução posicionamos o edifício de forma a proteger o parque e seguindo-se de uma leve barreira de vegetação, controlando assim a direção e a intensidade.

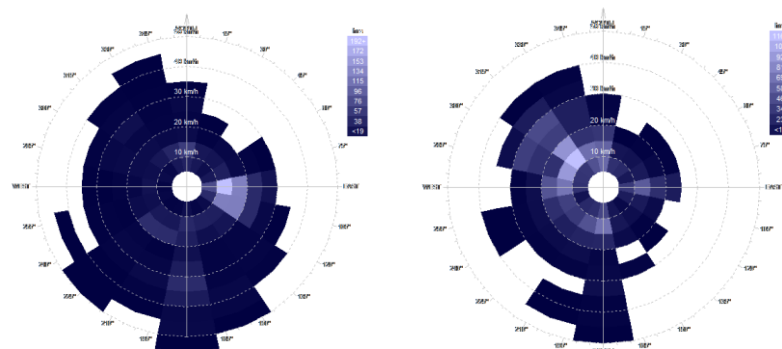


Fig. 56- Distribuição dos ventos (inverno e verão). Fonte: National Climatic Data Center.

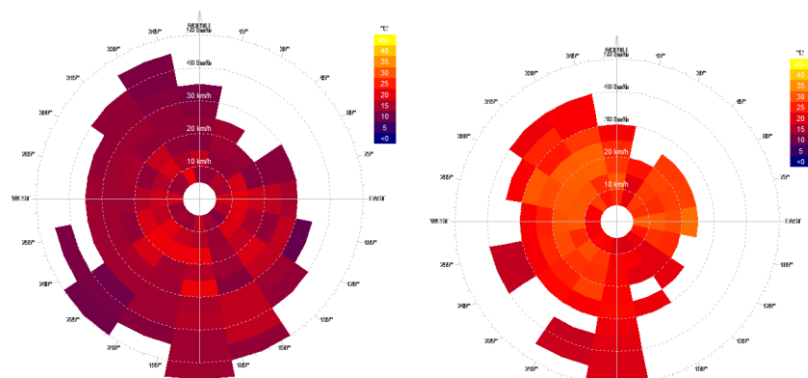


Fig. 57 -Distribuição da radiação solar (inverno e verão). Fonte: National Climatic Data Center.



Fig. 58 - Barreira de vegetação. Fonte: Própria autoria.

Níveis da água

Como já foi referido anteriormente, esta é uma zona que pode sofrer inundações, isto é, o nível de água pode subir até à cota 10 m. A solução adotada no projeto foi a criação de vários patamares, sendo que ao longo o nível da água vai subindo e os patamares vão ficando submersos.

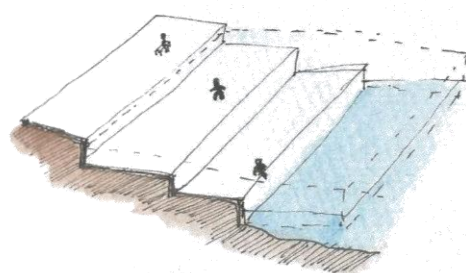


Fig. 59- Esquízo sobre os patamares, como solução. Fonte: Própria autoria.

Vegetação

A vegetação usada no projeto será a mesma que existe ao longo do rio, referida no subtema “Flora e fauna”, visto ser aquela que melhor se adapta ao terreno e aos desníveis de água.

No entanto, na parte do parque de merendas a vegetação mantém-se a existente e na zona do anfiteatro, será de vegetação baixa (relvado). Ao longo do percurso principal, nas zonas verdes serão colocadas árvores de fruto como macieiras, limoeiros e laranjeiras.

9.6. Esquícios e perspectivas



Fig. 60 - Esqueto sobre o rio Minho e o novo trajeto dos peregrinos. Fonte: Própria autoria.



Fig. 61 -Perspetiva da praça de acesso (rodoviário-pedonal). Fonte: Própria autoria.

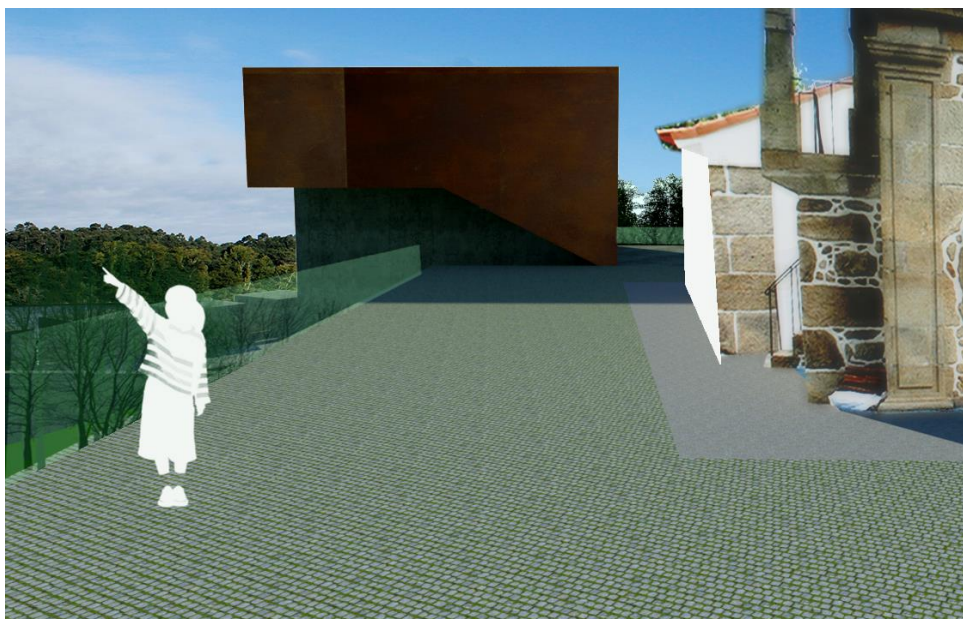


Fig. 62- Perspetiva do Miradouro fauna e flora. Fonte: Própria autoria.

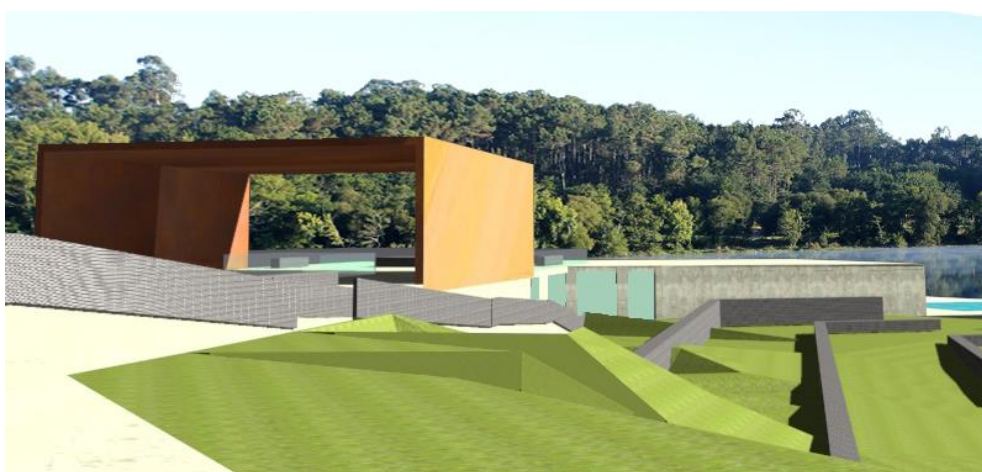


Fig. 63- Perspetiva do miradouro, centro de lazer- spa e anfiteatro. Fonte: Própria autoria



Fig. 64- Vista geral a partir do rio. Fonte: Própria autoria

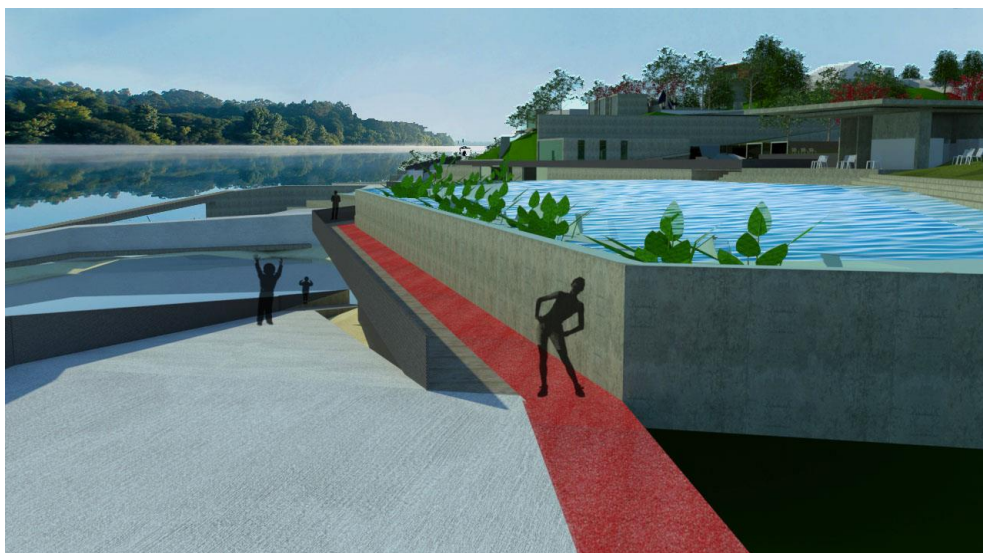


Fig. 65- Perspetiva dos percursos e acesso à praia fluvial. Fonte: Própria autoria.



Fig. 66- Plataforma de barcos e porto para barcos de pequeno porte. Fonte: Própria autoria.



Fig. 67- Vista para a zona de campismo. Fonte: Própria autoria.

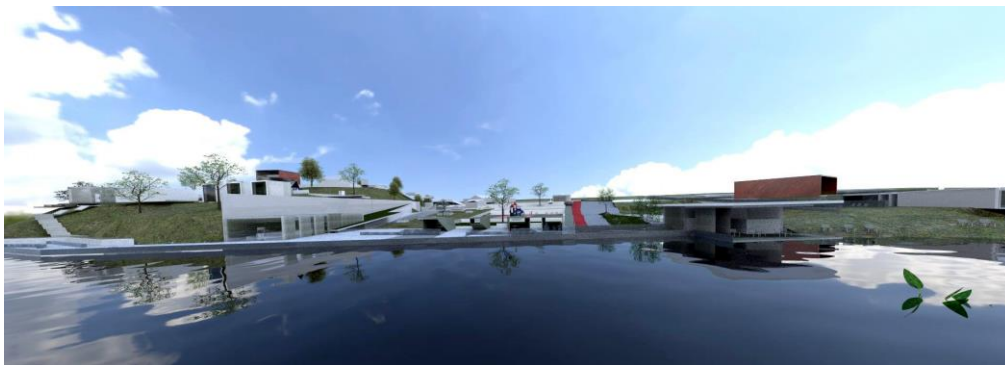


Fig. 68- Perspetiva com o nível máximo de água. Fonte: Própria autoria.

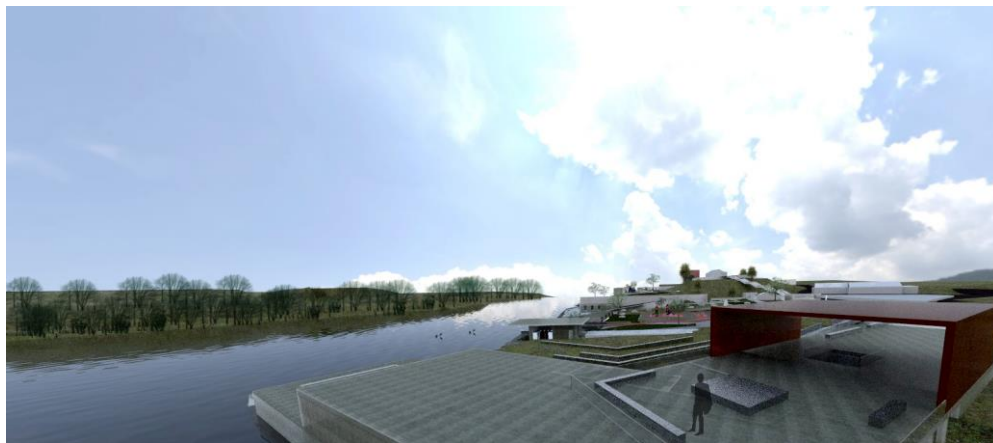


Fig. 69- Vista do miradouro para o rio com o nível máximo de água. Fonte: Própria autoria.

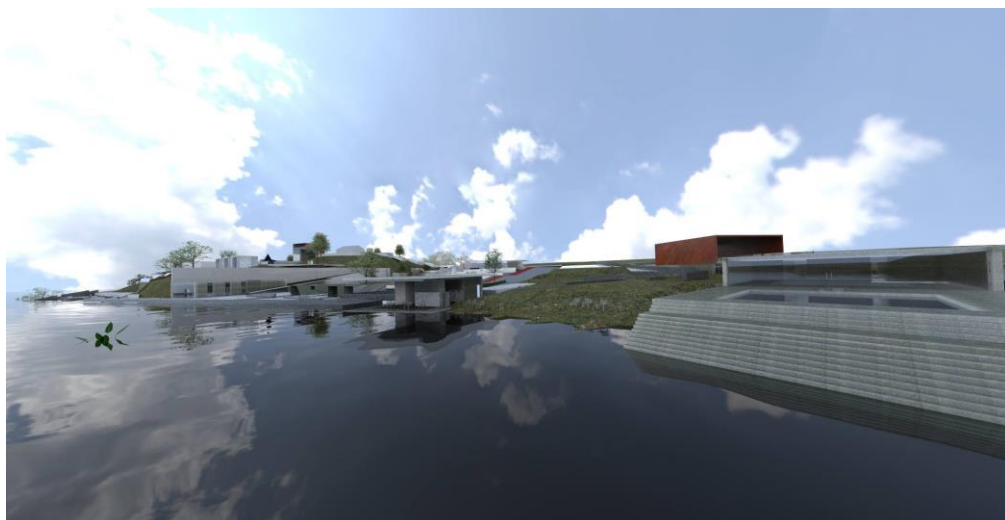


Fig. 70- Vista geral a partir do rio com o nível máximo de água. Fonte: Própria autoria.



Fig. 71- Vista geral. Fonte: Própria autoria.

CAPÍTULO VI Conclusão

Procurou-se assim com este trabalho dar resposta às fragilidades do parque da Senhora da Cabeça tendo em atenção às características da região, da localidade, do terreno e das infraestruturas já existentes.

O projeto realizado procurou ter em consideração as características únicas do local assim como as infraestruturas já existentes do parque, conferindo-lhe capacidade de Turismo como principal atividade a ser explorada.

Contudo, procurou-se que esta introdução fosse integrada no desenvolvimento turístico local e regional, optando-se por uma solução que visa a integrar vários tipos de turismo, tornando-se uma mais-valia para as populações locais e para os visitantes da cidade.

A proposta mostra uma solução para a expansão do parque, explorando as atividades já existentes e que interagem com as novas atividades. Teve-se em conta a forma como a natureza existente reage com o local, mantendo-se o espaço sempre ativo e sem danificar a mesma.

A proposta mostra maior impacto na sua perspetiva sobre o rio, que nos remete a uma perspetiva que causa impacto como a fortaleza e que de uma forma mais natural, mantenha as características de antigamente. O espaço foi organizado através de zonas, simplificando a área e estruturando-a.

Com a proposta consegue-se enfatizar a paisagem e transmitir informações sobre a natureza e aqueles que a visitem. A estruturação do espaço permite um maior aproveitamento do território, permitindo uma maior vivência com o local. A organização espacial permite instruir o utilizador o que poderá encontrar no local e de como pode vivenciá-lo.

A criação de espaços que permitem prolongar a estadia no local, não estão sujeitos a limites, uma vez que poderão expandir-se conforme a sua necessidade. Os interesses turísticos alteram-se sendo que estes facilmente se adaptem caso seja necessário.

O desenvolvimento desta área propõe aos visitantes o lazer que o espaço pode fornecer, através da exploração das atividades associadas. Uma vez que a necessidade por viver o local já era verificada, com esta proposta pode-se proporcionar ainda mais vivências e incentivar outros a conhecer este local.

O turismo pode e deve ser um meio para defender o património e o bem-estar, reforçando as ligações culturais, através da exposição dos seus produtos, atividades locais e festividades. Contudo este espaço desenvolverá a relação entre Portugal e Espanha, através das suas atividades de lazer.

Cabe ainda referir que a paisagem tem vindo assumir um papel cada vez mais relevante como património. Pelo que, mais projetos que defendam a paisagem, tão dificilmente construídos pelo homem ou por ele preservados, devem ser tidos em consideração. Dada a importância da paisagem, o objetivo desta proposta é dar maior importância aos elementos naturais e promover os espaços que permitam contemplar a beleza natural destes, utilizando de apoio meios que mantenham o espaço dinâmico e preservado.

CAPÍTULO VII Bibliografia

ABRANTES, J. (2010). “*A importância do transporte aéreo no turismo: O caso dos voos charters para o Brasil*”. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

ALMEIDA, C. A. F. (1987), *Alto Minho*, Lisboa, edição 1.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES, *Arqueologia em Portugal- 150 anos*, Lisboa, 2013.

BEATO, C. (2008). “*Planeamento do Sector do Turismo em Centros Urbanos*”. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor, Universidade de Aveiro.

BRANCO, N. (2009). “*Recuperação do Património Molinológico*”. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor, Universidade da Beira Interior.

Costa, A. R., [2014] *Ecopista do rio Minho: Proposta para a sua dinamização turística*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo- Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Turismo, Inovação e Desenvolvimento.

CUNHA, L. (2010). “A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário”. CPES - Atas de Conferências Nacionais.

CUNHA, L. (1997), *Economia e Política do Turismo*, Alfragide, Editora de Mc Graw-Hill de Portugal Lda.

CIM ALTO MINHO, *Desafio Alto Minho 2020*, 2013.

CULLEN, G., (2006), *Paisagem Urbana*, Edições 70, Edição 1.

DINIS, S. M., [2005], *O ecoturismo: um instrumento para o desenvolvimento sustentável?* Universidade Técnica de Lisboa - ISEG, Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Cooperação Internacional.

DIÁRIO DA REPÚBLICA (2002). “*Decreto-Lei nº 54*”. Consultado a 15 de Julho de 2015, em <http://www.oasrn.org/upload/apoio/legislacao/pdf/turismo542002.pdf>.

DIONISIO, S., *Guia de Portugal entre o Douro e o Minho*, 2, lisboa, 1965

DOMINGUES, C.; CARRANÇA, P.; SILVA, P.; [2011], *Touring Cultural e Paisagístico- A reconstrução do produto turístico*, Instituto Politecnico de Viana do Castelo- ESTG, dissertação para aobtenção do grau Mestre em Inovação e Desenvolvimento.

GIL, B. (2015). “*O Turismo em Áreas Protegidas*”. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre, Universidade da Beira Interior.

LOPES, J. E. C. de O., [2008], *Turismo, Globalização e Ambiente: Políticas de incremento para a imagem de marca de ALMEIDA*, Universidade Nova de Lisboa - FCSH, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Políticas e Relações Internacionais.

MORENO, h. Baquero, *Áreas de conflito na fronteira galaico-minhoto no fim da idade media*, actas del II colóquio- minhoto, II, Compostela, 1984.

NEVES, M. A. A. P., *Cristelo Covo Entre o castelo e o rio*, edição 2006.

OLIVEIRA, A. Lopes de, *Valença do Minho*, povoa do varzim, 1978

PAÇO, A., *Etnografia do Alto Minho*, Viana, 1979

ROCHA, J. M., *Valença*, 1991, edição ASA porto.

THR, 10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal- Golfe, Lisboa 2006.

TURISMO DE PORTUGAL, IP (2015) - “*Os Resultados do Turismo - ano de 2014*”, Lisboa.

VIEIRA, J., (2015), *Eventos e Turismo: Planeamento e Organização, Da teoria a prática*. Edições silabo, edição 1.

Publicações electronicas - artigo

CUNHA, Licínio - Avaliação do potencial turístico. COGITUR- Journal of Tourism Studies. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. [22 Julho. 2015] Disponível na http://jts.ulusofona.pt/turismo01/pdf01/artigo_liciniocunha.pdf

SAER (2005). “*Reinventando o Turismo em Portugal. Estratégia de Desenvolvimento Turístico Português no 1º Quartel do Século XXI, Volume II - As Condições Estruturais da Oferta do Turismo*”. Consultado a 28 de Maio de 2015, em http://www.saer.pt/up/UPLOAD-bin2_imagem_0483156001369825858-865.pdf

Webgrafia

Webgrafia1:

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, visualizada em 30/07/15

Website 2 :

http://c3.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/o5c07289f/9677174_3OKv8.jpeg, Visualizado em 30/07/15.

Website 3:

www.topvendas.pt/storage/32000/6341/99805c9b89641b19f626482236cd0708.png
visualizado em 30/07/15.

Website 4:

Parque natural norte- <http://files.ciencia-viva8.webnode.pt/200000006-0f0a41003f/esposende.jpg> , visualizado em 3-09-2015.

Parque do gerês:

http://guiadacidade.pt/static/co/upload_img/2000/1073/thumb_800_1418239343.jpg
Visualizado em :1/07/15.

Lagoas Bertiaandos:

http://www.lagoas.cm-pontedelima.pt/imagens/geral/infraestruturas/IMG_7552_BIS_F.jpg
Visualizado em 1/07/15

Corno de bico:

<http://www.icnf.pt/portal/ap/amb-reg-loc/resource/img/ppcb/vist-ger-cmpc/image> ,
Visualizado em 30-09-2015.

Foz do Rio Minho:

<http://www.caminha2000.com/jornal/n529/xtpb2.jpg>, visualizado em 30-09-15.

Praia de Moledo: http://www.cmcaminha.pt/imagens/noticias/Praia_Fozdo_Minho_CMC.jpg
visualizado em 30-09-15.

Foz Lima:
http://3.bp.blogspot.com/OQolih_Oiqs/VbczCrLfUal/AAAAAAAAiXc/Rjx0l3F3pOQ/s1600/Foz%2Bdo%2BArelho%2B-%2BLagoa%2Bde%2B%25C3%2593bidos%2B8.jpg, visualizado em 30-19-15.

Website 5:http://c5.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/Nba01ee2e/15613564_2sl63.jpeg, visualizado em 02/07/15

Website 6:

<http://correiodoribatejo.com/wp-content/uploads/2013/10/Feira-dos-Santos-9792-2.jpg>,
visualizado em 30-09-15.

Website 7:

www.cm-valenca.pt, visualizado em 04/07/2015.

website 8:

http://br.visitportoandnorth.travel/var/porto_norte/storage/images/porto-and-the-north/visit/artigos/discovering-the-minho-river-valley/448952-7-eng-US/A-descoberta-do-Vale-do-Rio-Minho.jpg, visualizado em 04/07/2015.

website 9:

<http://www.visitvalenca.com/15> 30-09-15, visualizada a 30-09-15.

website 10:

<http://www.visitvalenca.com/>, visualizado em 30-09-15.

website 11:

<http://www.visitvalenca.com/15>, visualizada em 30-09-15.

website 12:

http://files1.structurae.de/files/photos/2094/0875_valenca.s0019582.jpg, visualizada em 30-09-15.

Website13:

https://www.pladur.com/pt-pt/arquitectos/documentacao/DocumentosTecnicos/Pladur_gama12_port.pdf, Visualizado a 21-01-16

Website14:

www.orzare.com/pt/categorias/pavimentosceramicos/1107?k=&cid=1107&att=wd&ipp=16&ly=df&rh=0&mf=&mn=0&b=66&ch%5B831%5D&ch%5B835%5D=60x60&p=5, Visualizado a 21-01-16

Website 15:

http://www.cmvalenca.pt/portal/page/valenca/portal_municipal/Turismo/espacos_naturais/Bi%F3tipo%20da%20Veiga%20da%20Mira, visualizada em 04/07/2015

CAPÍTULO VII Anexos

- 10. Desenho técnico.**
- 11. Plano Diretor Municipal de Valença**